JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 2 Nº 20.
RIO-1 DE MARÇO
-1915-

400 Rs

FABIAN

Mlle. Lili Santos

Visto interior do grande estabelecimento de calçados SAPATARIA IDEAL dos Srs. Ferreira & Rodrigues, sito á Rua da Carioca, 50, telephone 2636, e que festeja hoje o 2º anniversario de sua fundação

FOLHETIM 19

JULES MARY

AMO-TE

Segunda parte

Ella dizia então, em voz muito baixa, com gesto lento e fatigado de mão :

—O esquecimento, pae, nada mais que o esquecimento.

—Ah ! isso virá, eu te prometto.

Alguns mezes se escoaram ainda, e mais um anno, e mais dois.

Por muito tempo abatida e fraca, depois da sessão do jury, a ponto de inquietar o pae Trinque e de fazer com que ella consultasse alguns medicos, Genoveva estava agora refeita.

Sómente estava modificada quanto ao temperamento, que passara de alegre a melancolico, mas que não queria dizer tristeza.

Agora, a barulhenta alegria do pae a fazia rir. Voltava a ser criança ao lado delle.

Pae Trinque a tratava como a uma menina muito querida, inventando quanta cousa engraçada e comica havia, para forçal-a a ouvil-o e a responder ás suas patuscadas de velho pandego.

Mas a grande alegria da joven mãe estava, acima de tudo, em Magdalena e em Henrique.

Num dia de verão, estava ella sentada no bosque com os dois filhos. Henrique brincava ao lado della, saltando, gritando e correndo; Magdalena, aos pés da condessa, conservava-se immovel, com o rosto erecto e vagos os olhares.

A ceguinha tinha crescido muito.

Estava com quinze annos, mas seu desenvolvimento tinha sido tão rapido que se lhe dariam uns dezoito.

Seu espirito e sua intelligencia haviam seguido a mesma marcha.

Raciocinava, sentia e pensava como uma mulher feita, como uma mulher nervosa, de gosto apurado e desejos elevados.

Seu penoso defeito physico imprimia á sua physionomia um attractivo estranho e doloroso; muito pallida, com o rosto delicado e de traços regulares e finos, bocca pequena e amorosamente vermelha, fronte soberba, circumdada de bastos cabellos de um negro brilhante, cujos bandós symetricos augmentavam ainda mais seu ar de gravidade, de desprendimento, quasi de desdem, Magdalena parecia um desses marmores admiraveis de fórma e de belleza, aos quaes só falta ao artista dar o olhar, isto é, a vida.

Para Genoveva não era mais uma filha, mas uma amiga já.

A senhora de Montbriand trabalhava na sala da floresta, á sombra das arvores, mas tendo diante de si a campina extensa onde os trigaes e outras plantações, a perderam de vista, agitavam-se á passagem do vento.

O horizonte extremo, num céo afastado, apresentava um fundo violeta sombrio, onde, um pouco acima, fluctuava uma linha irregular de nuvens orladas de arminho, que se poderiam tomar por cimos virginaes de montanhas nevadas.

Um pouco adiante, um ligeiro filete de fumaça branca sahia da chaminé de um moinho a vapor, que se escapava para o ether, misturando-se aos flocos de brumas longinquas e de tal sorte que não se sabia mais si as nuvens eram a fumaça ou se esta era o accumulo de nuvens. O resto do céo estava raiado de longos gilvares de um pardo pallido sobre um fundo ruivo.

Magdalena ergueu-se de repente, derreou a cabeça e escutou.

E como Henrique, perto della, fazia um grande alarido, com seus gritos de chamados e de commando, entretendo, só com seus gestos, gritos e falas, uma conversação de vinte pessoas ao mesmo tempo, a joven disse :

—Silencio, Henrique, um pouco de silencio, si permittes, sim ?

—Que ouves tu ahi ? inquiriu a senhora de Montbriand.

A céga tornara-se pallida. Seus dedos tremiam um pouco. Machinalmente, apoiou a mão no seio esquerdo, para abafar os éstos do coração.

—Vem alguem deste lado, disse ella...

— Que ha de extraordinario nisso ? E' meu pae... sem duvida.

—Não.

—Então, é um criado, um operario, um contra-mestre.

Porque estás inquieta ?... Estás tão commovida, minha querida filha !

—Vós ides julgar-me louca, mãe, entretanto... este que vem está longe ainda... pois bem, pareço reconhecel-o...

—Quem é ?

—O senhor de Turgis !

—O senhor de Turgis ? Tu estás mesmo louca !

—Vêde, mãe, eu não dizia ! exclamou ella sorrindo.

A senhora de Montbriand levantou-se e começou a prestar attenção por sua vez.

Caminhava-se pelo bosque. Ella ouvia bem, mas a folhagem impedia de ver. Numa volta, um homem appareceu, parando um instante junto a Genoveva. E esta murmurou :

—Senhor de Turgis ! Vós aqui ? Depois de dois annos !...

Ella dirige-se vivamente para elle, estende-lhe as mãos, que o juiz prende nas suas, como outr'ora ao sahir da sala do jury e, nas duas assim reunidas, elle depõe seguidamente diversos beijos ardentes. Depois, como Genoveva recue, assustada, elle desculpa-se, interdito :

—Perdão... havia tanto tempo, tanto tempo !...

Os dois encaram-se. Devoram-se com os olhares.

Nem um nem outro mudaram nada.

Genoveva é sempre a mesma, fragil, pequenina, idealmente bella.

Do mesmo modo Turgis, distincto, accessivel, contendo o seu amor e cobrindo-o de maior respeito.

Que de suaves recordações communs ! Que de lagrimas amorosas !

Tudo lhes afflue ao pensamento e nem por isso encontram cousa alguma a dizer-se.

Magdalena ficou de pé, voltada para a mãe.

Não tinha necessidade de ver para adivinhar a emoção materna.

Sua mão contem, apoiada mais fortemente ao peito, contem os éstos do coração cada vez mais precipitados.

—Henrique, disse Genoveva, leva tua irmã... nós vamos entrar.

Henriquinho, docil, deixou os folguedos infantis e tomou a mão da céguinha. E como sentisse o braço desta tremer, disse-lhe com sorpresa :

—Estarás por ventura com frio ?

Magdalena sorriu e, com a mão, procura a fronte da criança, ergue-lhe os cachos de cabellos, curva-se e depõe nessa fronte angelical um ardente osculo.

—Oh ! disse o pequeno, como os teus labios estão ferventes?

Diante delles, Turgis e Genoveva passeiam a curtos passos.

—Como vos encontro aqui em Clermaret ? perguntou a condessa.

—Muito simples. Fui nomeado juiz de Lille.

Simples ? Ella não o acredita. Seu olhar bem o demonstra.

Elle apressa-se em accrescentar, hesitante, porque não sabe como vae ser acolhido.

—Habitaes aqui com vosso pae; Clermaret não está longe de Lille, então...

Ella fez que não comprehendia. Elle foi obrigado a proseguir :

—Então, como não podia viver sem vos ver, obtive a minha transferencia. E deixei La Chatre para installar-me em Lille.

Turgis a ama sempre. E eis que consegue ver-se perto della !

Como afastal-o ? Será possivel ? Elle, em quem ella deve acreditar ainda existir a mesma bondade, a mesma envergadura moral !

Que póde ella censurar-lhe? Nada. O amor do juiz é profundo, nada o iguala senão o seu respeito. Demais, não é ella livre?

Emquanto elles passeiam lentamente, a sombra das copadas frondes das arvores onde se agitam, lutam, voam, se perseguem e pupillam centenas de passaros, Magdalena, em voz baixa, interroga Henriquinho:

—Maninho, que está fazendo o senhor Turgis?

—Está passeiando de braço dado com mamãe.

Porque?

—Conversam? Não os ouço.

—Não. Encaram-se sem conversar. Porque?

Ella calou-se. Ao fundo do coração somente ruge uma revolta, a primeira talvez contra o seu defeito physico.

—Ella o encara! Bem me disse um dia que elle era bello! E eu nada posso! Meu Deus, nada posso, nada!...

—Magdalena, estás chorando?

—Não, não, Henriquinho.

As palpebras estão a arder-me, eis o caso.

E enxugou com força os olhos.

Uma hora depois, deixando Genoveva, Turgis perguntava!

—Quereis que eu volte?

—Certamente! respondeu ella com enthusiasmo.

O juiz voltou, tantas vezes quantas lhe permittiam as suas funcções.

Um dia, chamou á parte pae Trinque. Havia muito tempo que lhe queria falar. Mas não ousava.

Trinque bem que o percebia, mas nada dava a entender.

O juiz entreteve-o algum tempo com banalidades, a principio, depois, bruscamente:

—Eu amo a senhora de Montbriand.

—Ah! muito bem! Não é uma novidade que me daes agora. Quanto a mim, senhor Turgis, eu vos adoro, muito simplesmente porque Genoveva se encontra embaraçada em vossa presença.

«E minha filha, como eu, sabia tambem ha tempos qual o estado de vosso coração a seu respeito.

«Somente o que me espanta é essa vossa declaração. Minha filha deve ser hoje tão sagrada para vós como o fôra outr'ora.

«Ella não está livre. Vivendo o seu marido, o mundo a espia com olhar prevenido. A menor imprudencia sèr-lhe-á fatal, o menor desvio de conducta a perderá.

«Que quereis? Não sou eu só a lastimar esta situação sem solução. Vi com prazer e ao mesmo tempo com receio a vossa volta á nossa causa, senhor Turgis.

«Com prazer, porque não vos posso ver sem sentir que sou muito vosso amigo; com receio, porque temo qualquer outra violenta e dolorosa sorpreza para o vosso leal coração.

«Sinto-me satisfeito por poder explicar-me lealmente comvosco, como o faço agora, eis ahi. Creio que seria melhor, para vós certamente e quem sabe si tambem para ella, que não voltasseis mais aqui!

—Genoveva não me ama!

—Eis ahi os verdadeiros namorados! Logo vão aos extremos. Eu nada disse que se possa concluir como o fizestes.

—Si ella ama-me, supplico-vos, não occulteis pelo amor de Deus!

—Pelo que vejo, quereis que eu represente um bonito papel, disse o velho, a rir. Que ella vos ame ou não, isso só a ella diz respeito. Nada tenho que ver com isso. Em todo o caso, estou certo de sua firmeza de proceder, e si ella vos ama, mesmo que não tivesse o direito de dizer-vos, a verdade é que ella se calará!

—Senhor Trinque, estás por ventura ao corrente dos debates da Camara dos Deputados e do Senado? Creio que não. A politica não vos interessa. Entretanto, trata-se de uma questão grave e que vos deve apaixonar, trata-se da lei do divorcio.

—Sim, mas já perdi toda a esperança. O divorcio não passará no parlamento.

—Está em erro, senhor Trinque. Foi votado hontem, 27 de julho de 1884. Fui disso advertido por um telegramma de pessoa amiga. Peço permissão ao amigo para lêr o texto do artigo da nova lei que visa a situação social da senhora Montbriand.

—E' uma boa noticia, senhor Turgis. Que diz esse artigo?

—Tirei cópia esta manhã mesma na prefeitura. «Art. 4. As causas da separação de corpos pendentes ou no momento da promulgação da presente lei poderão ser convertidas pelos autores (Turgis accentuou estas ultimas palavras, encarando Trinque) em causas de divorcio. Essa conversão poderá ser solicitada mesmo em curso de appellação.

«O processo especial para o divorcio será seguido a partir do ultimo acto valido do processo de separação de corpos.

«Poderão ser convertidos em julgamentos de divorcio, conforme o art. 310, todos os julgamentos de separação de corpos tornados definitivos antes da referida promulgação.»

O antigo negociante de armas ouvia tudo com a maior attenção.

—Eu o repito, disse elle, é uma feliz noticia, pois eis que vejo Genoveva livre para a sua vida e para o seu coração...

—Comprehendeis agora porque vos confessei com tanto arrojo ainda ha pouco que amo a senhora de Montbriand? Comprehendeis porque insisto ainda?

Ella não tem segredos para vós. Numa palavra, ser-vos-á facil tornar-me feliz!

—Sim, numa palavra, bem sei isso, juro-o por Deus!

Ah! se eu podesse dizel-o!

—Como?

—Pois bem, sei eu somente o que se passa na cabeça dessa mulher? Segredos? Ella os tem tanto para seu pae como para todo o mundo. Quaes? Eu o ignoro.

(Continúa).

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1.º DE MARÇO DE 1915 NUM. 20

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

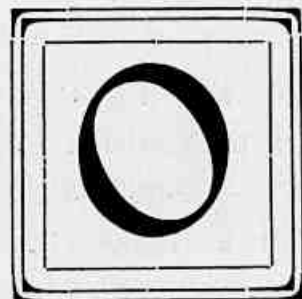
PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira, director e proprietario —Caixa Postal 421.

Redacção e Administração — Rua S. José, 36 — 1.º andar

CHRONICA

O CARNAVAL passou com o seu ruido ensurdecedor e o pobre Pierrot ficou dormindo a um canto de rua a espera que um varredor o tocasse com a sua vassoura implacavel e inimiga da poesia melancholica das bebedeiras e das noites de luar.

Com o fim do carnaval, quando Momo se resolve a curar a sua borracheira adormecendo durante um anno, começam os contrastes da vida: a alegria em luta aberta contra a tristeza.

Terminaram as fantochadas dos tres dias de bulha e vem logo a quaresma com o seu cortejo de maguas e de penitencias.

O vermelho dá logar ao roxo.

O grito de guerra, estridente, allucinante cala para que a lamuria se faça ouvir.

Os bombos e os chocalhos silenciam e a voz dos orgãos melancholica e harmoniosa sae das igrejas rumo do alto, buscando regiões tranquillas e felizes.

O medo do Inferno obriga a pensar na placidez celeste.

As igrejas ficam cheias de creaturas genuflexas e contrictas que ainda na vespera foram as mais encantadoras diavolinas de que ha memoria.

E' verdade que uma lenda conta que Mephisto cançado de prazeres, um dia trocou a delicia da sua vestimenta de principe do Fogo pelo peso de um funereo burel fradesco...

* * *

Carnaval... Cinzas... Quaresma... Semana Santa... Toda uma evocação da tragedia do Calvario, surgindo do fumo da ultima pandega de Arlequim...

* * *

Quem assistiu ao desfile de carruagens na Avenida deveria ter presentido a agonia do carnaval, a festa nacional por excellencia, deste paiz excencialmente preocupado com politica e... nada mais...

Falta de dinheiro?... mas dinheiro não se come... para onde foi o dinheiro? Carestia dos automoveis?... Não se póde saber. O que é facto, o que se tornou de uma evidencia esmagadora foi a queda do carnaval, a sua pobreza, a sua debilidade.

Nem mesmo os chefes de cordões se devoraram mutuamente como os grillos da anedocta celebre...

E quando os *ursos* dos cordões não se matam é signal de que o enthusiasmo abandonou os arraiaes de Momo...

De Profundis Carnaval!...

* * *

Sempre os contrastes...

O nosso Derby nas festas de aviação, parece não estar fadado a grandes successos...

Na Europa, nos prados de corridas, a elegancia resplandece ao lado das victorias dos batalhadores...

A Moda, pressurosa, corre ás *pelouses* para a exhibição das suas maravilhas.

O nosso prado porém, parece não estar destinado a ter esses encantos, sem uma nodoa que subitamente apaga o prazer de todos os semblantes...

Que foi o desastre do monoplano Alvear, desse doido Alvear que já fez versos e que não os fazendo mais não quiz todavia abandonar as nuvens?... Uma nodoa de tristeza na sua alegria de inventor intelligente...

E a morte do intrepido Caraggiolo foi mais um esgar da tristeza em luta com a alegria.

* * *

Alegria... Tristeza... Combate sem tregua de uma contra outra encarniçadamente...

E uma pergunta paira no ar sem resposta:

— Qual das duas vencerá?...

Sr. Carlindo de Barros Lobo

Senhorita Elisa Alves

A arte de ser elegante

A ELEGANCIA no Rio e. . . fóra delle.

Qual o mysterio dessas reticencias? . . . dirá a leitora amavel e curiosa.

Nenhum. E' que fóra do Rio tambem ha elegancia, ou melhor a elegancia fóge da Avenida, temerosa da insolação e sóbe, vae refugiar-se nas montanhas. E quantas e infinitas surpresas não nos revelam as cidades de verão?!. . .

Bem razão tinha um notavel philosopho anonymo em dizer que as novidades nasciam sempre de preferencia nas florestas. E accrescentava:

—Nas cidades tudo está feito e descoberto. . .

Embora nem sempre os philosophos acertem é signal de bom gosto concordar com elles.

Uma moça fina, embora não o leia, deve preferir o Anatole France ao snr. Nichel Sevano. . .

*
* *

Mas voltando ao caso que motiva estas notas: o pensamento do philosopho tem a sua confirmação.

Numa cidade de verão, com o carnaval, appareceu uma novidade surprehendente. A Moda lançou mais uma das suas bizarrias.

Falemos das vestes já que não nos foi dado descobrir o encanto da sua portadora:

Uma saia com tres outras sobrepostas, cada qual menor, recordando muito de longe, as saias de folhas de 1830. Tudo de seda. Rendas finas nas extremidades. Uma blusa de mangas curtas e transparentes e com largo decote. Na cabeça, um toucado. Mas que toucado!. . . Estava nelle toda a maravilha. Era todo de rosas Paul-Meron, rosas magnificas de grandes petalas recurvas.

O toucado de rosas lembrou-nos logo uma pergunta:

— Porque não usam as nossos patricias, em festas e bailes em vez das *aigrettes* insignificativas, algumas flores naturaes, que podem ser orchideas, violetas, rosas?. . .

Isso, ao menos por economia, despertaria em nós o culto sagrado dos jardins, e assim não veriamos uma janella que ao menos não tivesse uma roseira, uma parazita ou um vaso ostentando a doçura de um pé de violeta. . .

YVONNE.

Anniversarios

No dia 21 do mez ultimo passou o anniversario natalicio do eminente litterato Coelho Netto, cuja obra constitue um patrimonio precioso para a nossa patria.

No dia 3 conta mais um anniversario a gentil senhorita Lucia Imbuzeiro da Costa (Pequenina), residente em Nictheroy.

Fez annos no dia 16 de fevereiro o sr. Arthur Urzedo Rocha.

Festejou no dia 18 do corrente a realisação das suas 16 primaveras a gentil e bondosa senhorita Edith de Andrade, querida filha do conhecido engenheiro Luiz de Andrade Sobrinho.

Casamentos

Realizou-se no dia 20 do mez passado o enlace matrimonial do 2° tenente da armada Octavio Borges da Silveira Lobo, com a senhorita Rachel da Cunha Pinto, filha do sr. Christiano B. da Cunha Pinto, chefe da contabilidade do Banco do Brazil.

Realizou-se no dia 20 do mez passado o casamento do dr. André Bartholomeu Pagani, advogado de nosso fôro, com a senhorita Carlota Dorison Monteiro, professora municipal. O acto civil teve logar na residencia da noiva e o religioso na matriz do Engenho Velho. Foram padrinhos dos noivos, no civil, o capitalista sr. José Borges Monteiro e sua exma. senhora, e, no religioso, o dr. José Valentim Dunham e sua exma. senhora, tios da noiva.

Realizou-se no mesmo dia o consorcio do sr. Octavio do Amaral com a professora municipal senhorinha Elvira Fernandina Mazza.

Está contratado o casamento de mlle. Amalia Rosita da Fontoura, filha do sr. coronel João Propicio da Fontoura, com o sr. Eugenio Braga, funccionario do juizo federal da 1ª vara.

Realizou-se no dia 24 do mez passado, na igreja de S. José, com toda a solemnidade o enlace matrimonial do sr. Antonio Miranda, digno commerciante desta praça com mlle. Felisberta dos Santos.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. Julio Borges e por parte da noiva, o sr. Melchior dos Santos e mme. Paulina Manso Ramos.

O sr. Candido Ribeiro de Mendonça, vice-director do Gymnasio Macedo Soares, contratou casamento com a senhorita Deolinda Gross de Siqueira, filha do capitalista Joaquim Gross de Siqueira.

No dia 20 effectuou-se em Madureira o enlace matrimonial do sr. Adamastor Augusto Lopes, funccionario da Estrada de Ferro Central do Brazil com a gentil mlle. Jovina Amelia de Souza, filha do distincto pharmaceutico Candido Gabriel de Souza. Foram testemunhas no acto civil que se realisou na 7ª pretoria o dr. Herculano Pinheiro e Francisco Carvalho e no religioso o sr. capitão Joaquim de Pinho Bastos e sua exma, esposa D. Maria Gomes Bastos.

Enlace Adamastor Lopes — Jovina de Souza

Está contractado o casamento do sr. Carlindo de Barros Lobo com a gentil mlle. Elisa Alves, residentes em S. Christovão.

Contrataram casamento com as senhoritas Laura Moreira Valle e Maria Thereza Moreira Valle, filhas do sr. Francisco Moreira Valle e de D. Henriqueta Moreira Valle os srs. Octavio Walker, filho da viuva Jovita P. Walker e Americo Silva, filho do sr. Adelino Coelho da Silva e de d. Laura Ferreira da Silva.

Nascimentos

O sr. Antonio Bernardino Antunes e sua esposa d. Isabel Antunes têm desde o dia 21 do mez passado o seu lar augmentado com o nascimento de uma galante menina que receberá na pia baptismal o nome de Maria de Lourdes.

Está em festa o lar do sr. Joaquim dos Santos Ferreira e de sua esposa d. Emilia Ferreira dos Santos com o nascimento de sua filhinha Alayde.

O distincto clinico dr. Carlos de Novaes e sua esposa, d. Ruth Moura de Novaes, têm o seu lar enriquecido, desde o dia 18 do mez ultimo com o nascimento de uma filhinha que recebeu o nome de Guiomar.

A menina Jandyra Lins
filha do tenente Araujo Lins, phantasiada de bahiana

Dialogo em um baile entre dama e cavalheiro depois de uma valsa

—A sra. quantos namorados tem?

—Nem um.

—Nem um? Conheço um moço que passa por um delles.

—Pode ser; mas que eu saiba, não.

—E sei que a vai pedir em casamento.

—Pois então diga-lhe que se apresse, que ha mais quem queira.

—Como assim?

—Pois o senhor não diz que tenho muitos namorados?

o—o—o

A nossa capa. — O retrato que illustra a capa deste numero do *Jornal das Moças* é da distincta senhorita Carolina Pereira dos Santos, filha do sr. Antonio Pereira dos Santos, negociante nesta praça.

O trabalho photographico é da bem conhecida photographia Guimarães e a gravura do acreditado atélier Alois Fabian.

Paginas do Coração

II

NUM esplendor perdulario de nababo, numa estonteante explosão de luz e de ouro, erguera-se a manhã.

As folhas dos arbustos, rorejadas pelo orvalho da noite, ao receberem os tepidos beijos do sol, tinham scintilações singulares.

Brilhavam como se um artista habil e nimiamente cheio de paciencia, nellas tivesse embutido milhares de pedras finas.

As rosas e o jasmins, na linguagem de seu perfume — cantavam odes de amor!

O céo, cujo azul se recamava de nuvens das mais estranhas fórmas e matizadas desde o ouro pallido até o rubro flammejante, dava encantos á naturesa e despertava nos seres da terra o amor pela vida, a anciosidade de gosar!

Depois... pesados *nimbus* — nuvens plumbeas prenunciadoras de tormenta — cobriram a face do firmamento.

Obumbra-se o dia.

Rajadas impetuosas de vento, atiravam insolitamente para o espaço, turbilhões de pó...

As roseiras brutalmente sacudidas tiveram as petalas de suas flores arrojadas para longe.

A mutação é brusca.

Tudo se faz tenebroso porque o sol se occultara por traz dos castellos das nuvens negras.

*

Querida.

Quando tu me appareces, tenho tambem minh'alma em festa!

Invade me o espirito um fogoso desejo de viver!

Mas, quando partes, tenho o coração mergulhado em caliginosa treva de saudade.

Não ha mais encantos nem poesia, para mim na terra, porque és tú que constitues para mim a poesia excelsa, o sol deslumbrante que, em esbanjadora profusão de luz, illumina a estrada da minha trabalhoea existencia!

Rosaes Sadi.

Echos do Carnaval

Baile infantil realizado no theatro Recreio

Instruir deleitando

II

MPETRANDO desculpas ás minhas gentis e por certo indulgentes leitoras, pelo abusivo parenthesis que abri, contando historias, retomo hoje o fio do assumpto desta secção.

Tenho, pois, o prazer de apresentar-vos, queridas leitoras, a phrase muitas vezes empregada, principalmente em discursos politicos :

A rocha Tarpeia é perto do Capitolio.

A rocha Tarpeia, cujo nome lembra o da joven romana que entregou a cidadella aos Sabinos, estava situada no recinto de Roma.

Ahi foi afogada Tarpeia pelo seu crime de traição, e depois della todos aquelles que tal delicto commettiam, eram precipitados do alto desse rochedo afim de perecerem afogados.

Essa rocha ficava perto do Capitolio; o Capitolio era onde se coroavam os triumphadores.

De sorte que dizer-se que a rocha Tarpeia é perto do Capitolio — significa que muitas vezes a queda está perto do triumpho ; exprime essa phrase a queda rapida de uma posição elevada ; a perda da popularidade de que gosava um individuo.

A fortuna e a politica podem guindar um homem a uma posição eminente, mas, se elle não conhecer o segredo de ahi se equilibrar, bem lhe podemos, como um aviso amigo, dizer-lhe que tome cuidado, porque — a rocha Tarpeia é perto do Capitolio.

***

Se é possivel, está feito; se é impossivel, ha de se fazer.

Esta phrase é do inspector das finanças do tempo de Luiz XVI em França. E' um requinte de gentileza. Elle a proferiu quando Maria Antonietta lhe fazia um pedido, dizendo que o que solicitava era talvez uma cousa muito difficil.

Nessa phrase não devemos entretanto vêr unicamente o espirito gentil tão peculiar ao francez. Devemos descobrir nella um grande ensinamento, um forte estimulo para a realisação de nossos ideaes, de nossas aspirações.

Ha pessoas que desejam realisar uma cousa qualquer, mas como encontram logo em começo difficuldades, desanimam e não fazem mais nada.

Falta-lhes a força de vontade, falta-lhes a energia moral.

Não ; não devemos ser assim, principalmente nós, mulheres.

Na luta está o encanto, a seducção da victoria.

A vontade é a alavanca de Archimedes; é a força que realisa todos os nossos emprehendimentos por mais ousados que elles sejam.

Portanto quando tivermos de realisar alguma cousa que nos pareça difficil, não nos deixemos dominar pelo desanimo.

Repitamos, mas com energia resoluta, a phrase de Colonne :

Se é possivel está feito; se é impossivel, ha de se fazer.

Mlle. Mimi.

Echos do Carnaval

Grupo Denguice

O sr. Carlos Carneiro, antigo joalheiro desta praça, inaugura hoje, 1º de Março, a sua joalheria *Equitativa*, a rua Sete de Setembro n. 92.

O ciume não é mais que uma pena vulgar, filha do amor proprio.

Directoria do Club de S. Christovão

A leitura nos bondes

E' commum ver-se num bonde uma senhorita attenta, toda mergulhada na leitura de um livro qualquer. Por ahi podemos muitas vezes observar o genero de leitura predilecta.

Os romances de capa e espada em fasciculos são os preferidos, pela sua pouca extensão.

Esse genero porém não é absolutamente de bom gosto. Em Paris e em Berlim é leitura de garys e automobilistas.

No emtanto ha um genero tão commodo para leituras rapidas em viagem curta. E' o conto. Os contos de Anatole France, de Maupassant, de Coelho Netto, de Pierre Loti e tantos outros, são uma delicia.

E os livros de poesia?... Não ha leitura melhor para uma viagem de bonde. Os pequenos poemas de Heine são na Europa o encanto das senhoritas que viajam ou passeiam.

Cariocas intelligentes, procurae nas livrarias os bons poetas nacionaes e lede-os corajosamente nos vossos passeios e nas vossas viagens...

O

O CASAMENTO

No homem:

Antes dos vinte annos, é uma criancice.
Dos vinte aos trinta e cinco, é uma paixão.
Dos trinta e cinco aos cincoenta, é um negocio.
Dos cincoenta em diante, é uma loucura.

Na mulher:

Antes dos dezoito annos, é um brinquedo.
Dos dezoito aos trinta, é uma necessidade.
Dos trinta aos quarenta e cinco, é uma infermidade.
Dos quarenta e cinco em diante, é uma tolice.

—Porque é, pergunta uma senhora a um moço que se diverte em fazer epigrammas contra as mulheres, porque é que os homens pensam que nos são superiores?

—Porque, responde o novo Juvenal, Deus se fez homem e o diabo se fez mulher.

CARTAS DE AMOR

Meu querido.

QUANDO o sol se esconde no horizonte e o véo da noite vem descendo lentamente, uma tristeza infinda apodera-se do meu coração, ao lembrar-me, que mezes antes, todos os dias, por aquellas horas, estavamos um ao lado do outro; tu, fazendo-me sagrados juramentos de amor, e eu, enlevada nessas palavras tão meigas, esquecida deste mundo, fixava meus olhos nos teus, e sentia-me transportada ás regiões mysteriosas do Amor! Mas, a sorte não quiz, que esta nossa suprema felicidade fosse duradoura e qual furioso vendaval, nos separou de um dia para outro, levando-me para um logar bem distante!

Por isso, meu querido, todas as tardes, para dissipar minhas tristezas, recolho-me á sombra das minhas maguas e contemplando teu retrato, derramo copiosas lagrimas, unico lenitivo para o meu coração!

Tuas deliciosas cartinhas, tambem são lidas e relidas.

Quando acabará esse martyrio?

Quando poderemos novamente, trocar novos juramentos e promessas de amor?

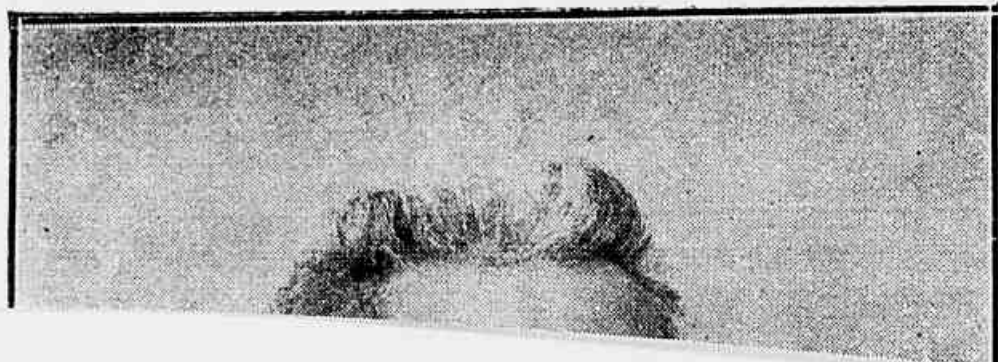
Oh! Deus, dae-me força e coragem, para resistir a todos estes tormentos.

Tua para sempre.

LELETA

M. DERY

Maternidade "Dr. João da Rocha Moreira"

A MESA da Santa Casa de Misericordia do Ceará, por proposta do seu provedor dezembargador Olympio de Paiva, poz á disposição do dr. Manuelito Moreira, medico gynecologista distincto daquelle estabelecimento, alguns compartimentos do andar su-

Borges da Cunha, Esther Frota Machado Coelho, Melica Justa, Maria da Graça Vasconcellos, Petronila Menescal, Maria José Farias e Elisa Correia Lima. Conselho Fiscal: DD. Iza da Frota Moreira, Amelia Barrozo Salgado e Iulza Cals de Oliveira.

Depois da sessão, as senhoras presentes foram consideradas socias fundadoras da *Sociedade Auxiliadora da Maternidade* que tomou o nome do *Dr. João da Rocha Moreira*, em attenção aos inestimaveis serviços prestados por este illustre facultativo, notavel pela sua caridade, lhaneza no trato e competencia como gynecologista e que exerceu com muito proveito para a ... Casa de Misericordia, durante muitos annos, até ...to o logar de chefe da clinica dos seus

...tuição, inaugurada sob tão bons aus... ...duvda prestar inestimaveis serviços, e

...ANUELITO MOREIRA

...ocha Moreira e estimado medico em ..., a quem está confiado ...a nova instituição de caridade

...osta das senhoras mais distinctas ...rense, é uma garantia segura do ..., que vem mais uma vez revelar ...das senhoras da terra de Iracema

A mulher

A MULHER é o encanto da vida, a esperança da existencia, o anjo da ventura, a divindade do mundo.

A mulher é o ente que nos dá as illusões, a santa que tem por altar o coração de todos; é o anjo que nos faz sonhar na primavera da vida.

A mulher torna a nossa imaginação viva, o nosso coração puro, a nossa alma christã; é ella quem guia o homem ás acções generosas, o soldado ao heroismo, o sabio á posteridade, o philosopho a Deus.

A mulher é a locomotiva intellectual da natureza.

A mulher é a estrella da creação, a flôr da formosura, a estatua de encantos, a poesia do mundo.

Na mulher ha a delicadeza das fórmas e a belleza do semblante. Deus quiz formar a mulher tão formosa para ser o typo da creação.

Alguns povos embrutecidos no barbarismo e despidos de civilisação têm desprezado a mulher. Na China ella é escrava: o marido a compra e pode vendel-a. No Japão está sujeita quasi ao desprezo.

No centro da Asia é vendida como qualquer mercadoria.

Em toda a Africa é desprezada.

Alguns philosophos têm dito heresias da mulher. Secundo disse:

«A mulher é a tempestade da casa, estorvo do descanço, naufragio do homem e leôa que affaga».

Muitos outros doestos têm sido lançados contra a mulher, mas perguntae a esses criticos porque assim falam das mulheres e elles vos darão a resposta do marquez de Moliére:

«São detestaveis, porque são detestaveis».

Entre os povos cultos a mulher tem toda a preponderancia e representa na familia, na sociedade, na litteratura e nas artes, por isso tem apparecido uma Stael, Sévigné, Jorge Sand, Girardin e outras muitas.

E' divina a missão da mulher: planta a fé em nossa alma e a virtude no coração.

E' o primeiro livro santo que o menino estuda: nos conselhos de sua mãe bebe a moral de Deus, os principios da religião.

A mulher é o anjo que torna a vida do homem bella, cheia de prazeres e de amor, que nos sorri na juventude, que nos consola na velhice, que nos acompanha nas venturas e nos anima nas desgraças.

A mulher é o ente a quem podemos chamar nossa mãe... e nossa mãe é a alma de nossa vida, o coração de nosso peito, a santa de nossa existencia; nossa mãe é quem nos ensina os risos na infancia, quem nos amamenta; é quem primeiro enxuga nossas lagrimas, quem nos dá as primeiras palavras e as primeiras caricias, nossa mãe é a nossa mestra desde o berço, nossa amiga na juventude, nossa irmã na desgraça; é o ente que chora quando choramos, que se alegra com os nossos risos; é a consolação da nossa vida, o ente que tem sempre um coração para nos dar, uma alma que é só do seu filho; nossa mãe é o nosso Deus no mundo.

A mulher reune em si todos os sentimentos da vida; nella se acha a moral da creação. Parte della a civilisação do mundo; é ella quem educa as intelligencias.

Lamartine disse:

«O que sou, devo-o a minha mãe».

Cuvier asseverava que sua mãe é quem o tornara sabio.

Kant dizia que com sua mãe aprendera a philosophia pura e christã.

Comprehenda o homem bem a mulher e verá nessa que lhe dá o ser e a vida o ente destinado para lhe dar a felicidade, a virtude, a sciencia e a gloria.

M. AZEVEDO.

Senhorita Lydia Gomes, residente em Nictheroy

Musica em luar

A' gentil Magnolia Triste

UM grupo de bohemios sentimentaes de afinados instrumentos em notas cantantes de sonoridades que falam ás almas dolentes, sahiram pela «urbs» poetisando á claridade frouxa e fria de um luar de amor...

Só por ti eu vivo, para a melodia excepcional que bem me convidara a pensar sómente em ti por espaço de toda aquella noite de amor.

Com que suavidade, com que prazer eu me acerquei daquelle grupo de bohemios felizes e venturosos que pareciam viver fóra das settas de cupido... Deste meu acercamento ainda me sinto envolto em felicidades e venturas por muito te querer e muito te idealisar.

Da musica o que muito me prende, fascina, scintilla e seduz é a melodia de uma valsa...

Para os que amam, para os que vivem recebendo influxo de bondades, extremos de affectos e poetitudes de amor nada é mais doce, sublime e idéal do que viver em meio ás notas deliciosas e cantantes de valsas dolentes e suaves.

Eremita da dor que eu sou senti-me envolto em venturas doces e plenas de uma satisfação infinita E' que a melodia inebriante, seductora e sublime daquella valsa deixou em todo o meu organismo um prazer distincto, um fluido extranho... despertando-me para as alegrias do amor.

A musica tem para quem ama a inebriancia do perfume, não do perfume que mata, mas do perfume que arrebata, espiritualisa, vivifica e seduz.

Com a tua contumaz indifferença estás muito longe de comprehender tudo isso, pois só quem ama póde ter ouvidos capazes de «ouvir e entender estrellas».

Ama-me e eu serei feliz.

ARY CARVALHO.

Por que?

I

A vida é um mal... — disse eu — mal sem perigo
Porque na morte o prompto allivio temos...
E ella: — " Mas, nesse caso meu amigo.
Si a vida é um mal... então, para que nascemos?"

II

— " A vida é um bem... (prosegue) E que t'o diga
Deste amor a concordia em que vivemos..."
E eu: — " Sim, mas, neste caso minha amiga,
Si é um bem a vida... então, para que morremos?"

Luiz Pistarini.

(Das *Sombrinhas e Postaes*).

BILHETES POSTAES

A alguem.

O teu amor é a esperança, o teu affecto a fé, a tua virtude a caridade que nos hão de conduzir ao altar das nossas confissões!

O coração da virgem é um templo onde dorme a imagem da innocencia e só descerra as suas portas, quando sente approximar-se a musica da primeira confissão do Amor!

F. Corrêa.

Rio, 1—2—915.

Dôr cruel

A' A...

Partiste... E comtigo foi-se abraçada a minh'alma, e comtigo foram-se para sempre os meus dias felizes e calmos; e eu, pobre de mim, me chamei—infeliz! Sim, pois desde o dia daquelle adeus cruento, habita em mim só a tristeza, e o martyrio dos martyrios, aquelle dentre todos o peior, que consome e que mata, e que se chama — a saudade...

Oh! volta depressa para que me volte a vida! Sem ti, eu moro com a Morte... Comtigo eu vivo sem Vida! Vem, para que eu possa reviver ao calor dos teus affagos, ao brilho do teu olhar...

Saudade.

A' graciosa Mlle. Juracy.

Os momentos mais sublimes para dois entes que se amam, são aquelles em que unidos, falando de amores, pronunciando phrases doces e delicadas, divisam um futuro roseo, feliz, cheio de encantos e embevecidos nessa visão de felicidade fazem juramentos de um amor eterno...

A' gentil Mlle. Etelvina.

Um adeus soluçado entre lagrimas é para o coração que ama, a expressão mais infinita e eloquente da saudade, que nascendo em seu peito puro, jamais poderá morrer...

Chopin.

Rio, 25—1—1915.

A' mon amie Edith.

Le baiser est l'ivresse de l'âme.

Zizinha Faria.

Botafogo.

A alguem, que eu sei.

Como o tropego mendigo que, exhausto de tanto caminhar, deitando-se á sombra frondosa de uma arvore, dorme socegado o somno do pobre, é o meu coração: — na luta inexoravel pelo amor, já cançado de soffrer, deitou-se na sombra da realidade, onde dorme tranquillo o somno do esquecimento!...

Sampaio Veiga.

Para Nini Marinho.

Ponte Nova.

A saudade é a lagrima crystalisada.

Camelia Branca.

Escalvado—Minas.

A' Mlle. Sibylla

O Amor é a vida quando não é a morte.

Se algum dia me vires morto, abre meu peito, retira meu coração, abre-o e verás que numa das mais frageis fibras está gravado o teu nome! não o retires! deixa que o conduza ao tumulo santo, para que ahi fique gravado para sempre o nome daquella a quem amei sinceramente no mundo.

Zinid.

Rio, 12—12—914.

Ao Campos e seus companheiros.

E' mais facil encontrarem-se rosas no fundo do mar, do que constancia e sinceridade no coração dos homens.

Myosotis.

Barra do Pirahy.

São as lagrimas a expressão mais viva e caracteristica dos sentimentos de nossa alma.

Nair M. Lopes.

A ausencia é a dôr que mais fere o coração que ama, com sinceridade.

Nair M. Lopes.

Stella!

O teu nome enternecido
— O' modesta Violeta!
Foi certamente escolhido
Com criterio de poeta...

Na verdade, o teu olhar
Tem fulgurações tão bellas,
Que a gente fica a scismar
Se os teus olhos são estrellas...

Agostinho Mesquita.

A' amiguinha Iracema Dutra.

E' preferivel crer-se nos sentimentos da affeição a acreditar-se nas explosões do amor. Aquella nasce sincera e arraiga-se no nosso coração, este é muitas vezes vario e duvidoso.

To Miss Mary Alice.

The heart without love is like a garden without flowers.

Raio.

Rio, 2—2—915.

A quem me entende.

A tua ausencia é para mim, o maior dos tormentos, a mais cruel das desventuras e o meu maior desconsolo.

Leleta.

A' Mlle. Januaria Loureiro.

E' mais facil, tomarmos a menor das perolas que existem em todo o Universo para dividirmos em cem partes do mesmo tamanho, do que dividir em duas partes iguaes, um affecto...

Marcos Chopin.

Paracamby.

A' amiguinha Julia Mesquita.

O coração dos apaixonados é um castello onde se esconde a tristeza.

A' amiguinha Zilda Watson.

Uns *olhos travessos* são muitas vezes molas que fazem palpitar corações.

Eliza Romuri.

A' F. X.

A esperança é o unico lenitivo que encontrei na vida, o balsamo sagrado que tem suavisado as minhas dores.

Deocesina Rios.

Rio, 1—2—915.

Ao Eduardo.

Sinto que tua amizade vae fugindo como o colorido das petalas de uma flor.

Não importa! Guardo ainda viva a promessa que fiz e tenho sabido cumprir, si bem que crente de que della te esqueceste, tão depressa, como a brisa pressurosa que emballa os leques das palmeiras.

Lucia.

Acrostico

Meiga, cheia de luar,
Airosa, gentil e bella,
Reflecte no lindo olhar
Ignotos brilhos de estrella.
Na sua bocca mimosa
Alvejam petalas de rosa...

Mãos tão alvas como neve...
Esbeltas faces de flôr...
Ideal cintura breve...
Risonha expressão de amor...
Andar compassado e leve...

Quimesta.

Rio Comprido.

HYGIENE DA BELLEZA

Os cabellos

Continuação do numero anterior

A CREANÇA precisa ter sempre a cabeça muito limpa, e por isso deve haver todos os dias o cuidado de vigiar bem que não haja *pellicula* nenhuma, a que vulgarmente chamamos *caspa*. Mas esses cuidados devem ser feitos intelligentemente. Todos os dias desembaraçar os cabellos mas muito devagarinho para não fazer mal nem os quebrar ou arrancar. Não sou de opinião do uso do pente fino, e pela simples razão de que para a caspa *não deve ser preciso* porque *não deve nunca haver caspa*. Quando o sangue é bom e ha aceio as *pelliculas* não existem.

A escova, nem muito dura nem muito macia, é bastante para limpar bem a cabeça todos os dias.

Deve haver o cuidado em não pentear sempre os cabellos para o mesmo lado porque cansaria as raizes.

Se se empregar algum cosmetico é preciso que seja em quantidade minima para não deixar nenhuma humidade na cabeça.

A humidade na cabeça faz apodrecer as raizes dos cabellos e tambem faz mal á vista, enfraquece-a. Além disto póde causar constipações e nevralgias.

Os cabellos tambem não devem ser muito seccos nem muito oleosos.

As pomadas e os oleos, sujam os chapéos, os travesseiros, etc. e amolecem o couro cabelludo. As preparações alcoolicas, seccam e tiram a cor aos cabellos. Por conseguinte, não se deve empregar nem uns nem outros preparados senão em caso de grande necessidade como por exemplo, as pomadas ou oleos, mas só o sufficiente quando os cabellos muitissimo seccos tenham tendencia a quebrar. E os preparados alcoolicos quando ao contrario o excesso de gordura for prejudicial.

A lavagem completa de cabeça nunca deve ser feita mais do que uma vez na semana. Não ha duvida que os cabellos ficam mais soltos e por isso mais bonitos mas o abuso é nocivo á sua conservação.

Devemos notar que os homens que lavam muitas vezes a cabeça mais depressa se tornam calvos.

Devem enxugar-se os cabellos o mais rapidamente possivel. Não tendo seccador proprio, então por meio de toalhas aquecidas.

Quando em casa se não possa lavar e seccar como deve ser, então é melhor levar a creança a um cabelleireiro porque ahi ha mais probabilidades de que se não constipe.

Para a lavagem total ha diversos meios. Cada pessoa tem as suas preferencias. Por exemplo:

A classica fricção com gemma d'ovo, depois com rhum e a seguir lavar bem com agua pura muito quente.

Ammoniaco na doze duma colher de café para cada litro d'agua quente.

O sabão ou bi-carbonato quasi á discreção.

A decaução de pau de Panamá.

A cerveja quente—indicada para os louros porque lhes conserva a côr do cabello.

Uma cantora celebre Mme. M. C. disse que usava o *borato de soda* dissolvido em agua ou noutro qualquer liquido. Quando não queria lavar completamente a cabeça, bastava friccionar cuidadosamente o couro cabelludo com este simples ingrediente. Como é baratissimo pode-se todas as vezes que se desembaracem os cabellos deitar uma pitada de borato de soda em agua quente, molhar ahi o pente e passal o, por todo o cabello o que não só o torna mais solto como mais farto tambem. O borato de soda limpa admiravelmente os pentes e as escovas e torna-os asepticos. Creio, por experiencia, na efficacia desta indicação.

Belá.

SONHAR...

II

A' bôa noivinha

SONHAR é viver na phantasia, é pairar além do Mundo; o sonho é oriundo do céo, ha sempre nelle um quê de esperançoso, de mysterioso e acariciante que nos conforta a alma, que a vivifica, que a anima, que a divinisa, aquecendo-a; é um consolo, é uma graça que nos é concedida na vida, que se transforma, que se modifica, que se torna serena, tranquilla e menos anciada. «Nem sempre o sonho é cousa van», disse Anthero de Quental; é uma verdade que não se contesta, ás vezes o sonho é o prenuncio da realidade, é o começo de uma nova era para a existencia até então attribulada, que se desnuda, fazendo voltar á esperança que nos havia deixado, a vontade, que nos havia abandonado, a fé que se havia escondido; é a crença que surge, a ventura que nos acena, a alegria que nos tenta, emfim é a vida que apparece, a confiança que volta, a coragem que renasce e a felicidade que nos procura.

O sonho, minha querida, é ainda o amigo da mocidade, o Deus dos namorados, o lenitivo dos noivos; quem é moço vive sempre com o pensamento immerso em sonhos, povoado de cousas irreaes; o sonho promette muito, nos torna crentes, confiantes nesse amanhã que sempre é roseo, nesse futuro que é limpido, onde só ha e se avista sómente alegrias perennes, nelle não medra, não existe, não brotam receios; ás amarguras fogem, as desventuras recuam, as afflicções se escondem, desapparecem as tristezas, acalmam-se as dôres, o firmamento é sempre azul, as negras nuvens não mais se condensam, separam-se. O sonho, penso eu, é como o amôr, um dos perfumes d'alma, sem elle a vida seria uma nostalgia constante, uma melancolia eterna, cheia de duvidas, receios e de tristezas vagas, indefinidas... Tudo que vive, creio, precisa sonhar; sonhar é viver, é uma caricia da vida. A' existencia sem esse conforto, seria um fardo pesado, um martyrio constante, um calvario sem fim e um pesadelo horrivel.

Rio-9-2-915.

Rinaldo.

Senhorita Zulmira Sabino
filha do collector federal em Leopoldina, Minas Geraes

O CANTO DO PEREGRINO

Ao talentoso dr. Adonias Lima.

Pôr do sol.

Concerta ao longe ao som duma guitarra dolente, uma voz queixosa.

— E' o canto dum peregrino em cuja voz se percebe a tristeza duma dôr continua.

Desherdado da fortuna, vive a cantar tangendo os dedos á sua guitarra querida, como procurando adoçar as suas agruras e alargar em vôo a su'alma para uma região mais alta e espiritual, ante as amarguras de sua vida que para elle nada exprime.

Indigente, sujeito ao desamor da humanidade, ainda assim ante o verdadeiro contraste que desnivela a vida, procura tornal-a supportavel percorrendo o escabroso caminho de sua existencia como num sonho incomprehendido d'alma que vela.

Felizes, bem felizes os que chorando aprendem ao menos a cantar!

Fortaleza, 1-2-1915.

MARIA DE LOURDES PINTO.

A mulher é flor que o Amor faz brilhar nos jardins do Universo.

RADIOSA

Passou de branco. Risonhos
Os olhos meigos, na alvura
Da veste eu via-lhe os sonhos,
Os sonhos dessa creatura.

Seus dezeseis annos conta.
Que idade tão linda! A flor
De sua vida ora aponta
Entre suspiros de amor.

De branco sempre. Celeste
E alva brancura de arminho.
Tambem a sua alma veste
A branca flor do carinho.

Ao vel-a passar, a gente
Pára, corre de improviso,
Ficando presa á corrente
De seu celeste sorriso,

Que tentação de seguil-a!
Mas que medo de offendel-a!
Fulge-lhe a parda pupilla
Como uma fulgente estrella.

Acompanhal-a? Que louco!
Como gosar tanta graça?...
Acha-se tanto e é tão pouco,
Que a gente fica e ella passa.

Que olhar innocente e franco
Por entre a veste tão clara!
Os anjos andam de branco
Perto de Deus que os ampara.

Anjo? Não sei. Mas garanto
Que essa bella creatura
Traz algum secreto encanto,
Dourando-lhe a formosura.

Fulgura-lhe sempre o olhar
Com tal chiste e tal maneira
Que a gente fica a encarar,
Embora mesmo não queira.

Ricardo Barbosa.

O sonho das mamãs

Rompidos os laços que o prendiam ao nada, num vagido vem o ser e com elle o sonho das mamãs, que nos seus dias de ouro, nas suas noites de luz só aspiram um ideal para seu filho; e su'alma esperançosa embala-se deliciosamente nas auras fagueiras desse sonho querido, na doce esperança de que a boa-estrella o guiará pela senda luminosa de um aureo porvir.

E, como felizes não devem ser aquellas que virem transformado em realidade o seu persistente sonho, e sobre a cabeça do filho bem-amado, aureolada essa luz que dimana do Céo e que é o sonho consolador das mamãs!...

Fortaleza, 3—2—915.

ORCHIDÉA D'AZEVEDO VIEIRA.

SONETOS

EM PLENO SOL

Para Carlos Maul

Neste apollineo banho, em chammas deslumbrada
e douda, fico a sentir palpitações de gozo,
toda a minh'alma anceia e vibratilisada
busco o dourado azul do espaço magestoso.

Banha-me, ó luz querida, inteiramente amada
tua esplendida côr, num conjuncto fogoso
focalisa em meu sangue a grande e arrebatada
vontade de vencer o sonho mentiroso.

Phantastico luzir que sinto e me circumda,
que de ouro e de saphyra os meus sonhos inunda
quando a triste esperança em mil torturas dorme...

Monarcha sideral! Bebe esta luz, faminto
meu olhar que traduz a ventura que sinto
assoberbada emfim, duma alegria enorme!

Do livro *Natureza.*

Violeta-Odette.

IDEALISANDO

A' Th. Tupinambá

Se pudesse roubar de uma açucena
As pet'las côr de jambo, ou côr de rosa,
Os perfumes sublimes da verbena,
E os fulgores d'aurora tão formoza...

Se pudesse furtar a paz serena,
D'essa lua tão alva e preguiçoza,
Os cicios da brisa, doce e amena,
Junto aos raios da grande nebulosa...

Se pudesse imitar de um rouxinol,
De manhã, ao nascer do flêmeo sol
Os suspiros de ternas emoções,

Eu iria tecer suaves leitos,
Onde, calmos dormissem satisfeitos
— O teu e o meu — os nossos corações!...

Tijuca-21-1-915.

Magnolia Triste.

A MINHA CONFIDENTE

Quando no templo dos meus prantos, cheio
de dores ante o altar me ajoelho, crente,
como orações meus toscos versos leio
ao som do hymno fatal do meu presente...

Lembro-me então que no seu vasto seio,
embora escravo desta dor ingente,
nunca vi da descrença o vulto feio
— tinha á ti, minha mãe, por confidente.

Recordações... Sob esse tecto amigo
não tenho mais aquelles teus conselhos
que sempre acharam no meu peito abrigo;

Unicamente o manto vespertino
reflecte nos seus magicos espelhos,
a terna imagem do teu sêr divino!...

Armando Verçosa.

SONETO

Si ainda escrevo um dolorido verso,
Cheio da magua que o meu ser invade,
Não é sonhando a gloria, quo é vaidade
A que não tenho o coração immerso!

Si outr'ora que gosei felicidade
Cantei a vida e os sonhos do universo,
Hoje, que é o fado para mim perverso
Porque calar o canto da Saudade?

Soffrer assim e não dizer ao mundo
E' soffrer duplamente ao que na vida
Dotara o Christo de um sentir profundo!

E' ter a carne a golpes bipartida,
Ir resvalando té da cova ao fundo
Tendo á garganta a voz emmudecida!

Baptista Cavalcanti.

O NOSSO AMOR

A' Y...

O nosso amor desejas definido,
Como se acaso eu definir pudesse
Um sentimento quasi incomprehendido,
Por que no mundo tanto se padece.

O amor é nada, é tudo, é dolorido
Poema que é canto e ao mesmo tempo é prece,
E sendo prece, canto, aria, gemido,
Porque se o sente inda ninguem conhece.

O nosso amor, o nosso amor ardente,
Dizer-te vou em rapidos bosquejos —
— Não é o amor vulgar de toda a gente:

E' linda rosa, a flor que adoras tanto —
Assetinada pelos nossos beijos,
Humedecida pelo nosso pranto.

Araujo dos Santos.

NATERCIA

Passa uma aragem fugitiva e leve,
Cantam cigarras, tudo é poesia,
Tremem folhinhas que rolando em breve
De manso tombam sobre a terra fria...

— Quanta belleza que nem se descreve!
Já vae cahindo pouco a pouco o dia
E o ceu perdendo o branco côr da neve;
A tarde desce com melancholia...

Então por entre ideal tristeza
Diviso augusta, magistral belleza
De um deslumbrante, immoredouro alvor.

Mas pensativo quedo-me, evocando
Minha Natercia que partiu levando
Lá para o ceu o nosso immenso amor!

Nictheroy. MCMXIV.

Salomão Vergueiro da Cruz.

Alla Nobile Signorina Leonor de Suplicy.

Non vederti mai più!

ROMANZA.

Versi di A. Bozzoni.

Musica di C. Carlino.

Mosso,con anima.

CANTO.

PIANO.

con Ped.

Non ve-der-ti mai più! Meglio il mar-ti - rio

Fra cie-lo e ter - ra dei con-fit - ti in cro - ce, Me-glio nel fol-to

cir - co il mor-so a - tro - ce che non ve-der - ti

poco rall.

marc.

a tempo

più!

a tempo

marc.

Propriedade **A. DI FRANCO**, Editor. S. Paulo.

A presente publicação nos foi autorisada pelo editor Sr. A. Di Franco — Rua São Bento, 50 — S. Paulo

Non ve-der-ti mai più ! Sen-tir nel tor - - pi - do

sempre legato

ciel, il can - to dei so - - gni e dei ful -

poco rall.

gen ti gior - - ni, glio-lez - zi del - le gio - ie ar -

rall.

den - ti, E non ve - der - ti più ! Più non ve - der - ti

con forza *p e cresc.* *a tempo*

p cresc. sempre
sten - der le brac - cia
Ver - so Te,
ver - so Te
p col canto
rall.
f
sem - pre
chia - mar - ti a no - me
Meno.
Meno.
rall. marcate
p
ol-tre ogni uman con - fi - ne
a - mar - ti
Ped.
E non ve-der ti mai più!
marc. e lento
poco affrett.
Ped.

FIGURAS

Claudio de Lemos. — Alto, magro, pallido, vestido de preto. Tem as faces cavadas, e olheiras violaceas e fundas. Tem 35 annos. Um bigode preto e fino dá-lhe um aspecto melancholico. Claudio é poeta symbolista-decadente. E' sobrio de gestos.

Aurelio Sergio. — Altura mediana. Gesticulador, enthusiasta. Magro. Não tem bigodes. Tem 38 annos. Usa uma cabelleira bem cuidada. Veste com certa elegancia um casaco e calças cinzentos e um collete vermelho. E' poeta lyrico-romantico.

Scipião Olympio. — Tem um aspecto sadio de homem forte. Os seus gestos e attitudes são medidos. Falla pausadamente, com solemnidade. Conversa com os amigos como se estivesse fazendo uma conferencia deante de uma multidão estupefacta. Veste um terno de fraque rigorosamente talhado e traz uma rosa á botoeira. Está de cartola, enluvado, e traz um sobretudo. Tem 36 annos. E' poeta parnasiano.

Helena. — Caixeira da casa de «chopps.» Rapariga de origem teutonica. Loura, olhos claros, faces rosadas. Veste com simplicidade um vestido de chita e um avental branco. Tem 28 annos.

Um freguez. — Homem de mais de 40 annos. Tem barbas espessas. Está sentado ao fundo, a um canto. De quando em quando leva á bocca um cachimbo e sopra uma baforada de fumo. Olha vagamente para os circumstantes. De vez em quando elle tem olhares de curiosidade mal contida para o grupo do primeiro plano.

SCENARIO. — O interior de uma casa de «chopps» em Petropolis, no inverno. Varias mesas esparsas, sem ordem. Cadeiras em estylo rustico. Grossos resposteiros vermelhos pendem diante das portas e janellas. Quadros pelas paredes. Um grande lustre ao centro. Nas mesas, vasos com pequenas palmeiras. Jarrões com flores repousam em plinthos esparsos pelos cantos. Portas ao fundo, entreabertas, deixam ver um trecho de parque e uma nesga de céo.

Ao levantar do panno, Helena serve ao homem silencioso e arranja as cadeiras que estão em desordem em torno de algumas mesas.

SCENA I

CLAUDIO LEMOS *(entra calmo, senta-se a uma das mesas do primeiro plano e faz um gesto chamando a rapariga. Ella se approxima e cumprimenta com uma leve inclinação de cabeça.)*

Traze-me um chopp.

HELENA. — Claro ou escuro?...

CLAUDIO. — Claro...

(Helena se afasta e volta pouco depois trazendo um copo com cerveja. Claudio, emquanto não vem a cerveja, examina attentamente os quadros, olha para a janella do lado e consulta o relogio.)

... Cinco e meia já... Nem o Scipião nem o Sergio... Combinamos para ás cinco... Que terão elles para tardar assim?.. (toma o copo que já está sobre a mesa e bebe uns goles.) Admiravel bebida... Loura... Parece de ouro...

(Ouve-se um ruido de passos fora. Claudio olha para o fundo. Entram Scipião e Sergio. Sergio vem na frente, saracoteante, risonho. Scipião vem vagoroso, pisando firme, pausadamente. Tem o olhar duro e brilhante. Dir-se-ia uma estatua caminhando.)

SCENA II

CLAUDIO. — *(ao vel-os, levanta-se e faz um gesto)* Oh! amigos... Já os não esperava... Combinámos para as cinco, e...

SERGIO. — *(apertando-lhe a mão)*... e são quasi seis. Linda pontualidade... Culpa da gravata do Scipião que não queria ficar bem hoje... Que rebeldia meu caro... Um tragico pedaço de seda que me fez quasi estourar de impaciencia... *(senta-se arrastando com ruido a cadeira. Para a caixeira.)* Um chopp... Claro... Clarissimo... Como o sol... Como os teus cabellos... *(Helena serve-o.)*

SCIPIÃO, *já tendo cumprimentado Claudio senta-se, e põe-se a examinar, silencioso, as folhas espatuladas de uma palmeirasita verdoenga que sae de um vaso rustico sobre a mesa. Parece meditativo.*

CLAUDIO. — *(interrogando)* Deste para macambuzio?... Em que pensas?

SCIPIÃO. — *(solemne)* Não penso... Admiro as linhas estupendas desta planta... Faço a minha oração silenciosa aos contornos que a Natureza modelou nas cousas... Amo esta planta pelos seus caprichos, pela sua subtileza de filigrana, de arabesco...

SERGIO. — *(para Claudio)* Não te assustem essas palavras... Ha muito que não vês o Scipião... Vinte annos talvez... Elle não sabe o que é uma alma, uma emoção, um enthusiasmo... E' o apaixonado da forma exterior, da linha... Se ainda pensas, como nas nossas noites bulhentas da mocidade, nos teus crepusculos, nas tuas nevoas, nos teus rythmos inaudiveis, nos mysterios e no além, não fala com Scipião Olympio, o estheta semi-deus amante de estatuas...

CLAUDIO. — *(que parece perdido na contemplação da tarde que vae morrendo)* Vinte annos passaram... Eu fiquei... Vocês partiram... E ainda me veem encontrar... Eu sou apenas a saudade do que fui. Doente, a fugir da vida como um fluido, como uma tarde que morre... *(mudando de tom)* Que me dizem vocês das suas viagens?...

SERGIO. — *(com emphase)* De viagens?... Nada... Muito das nossas almas... Muito do que sentimos diante do que vimos... Sou contra as recordações de viagens... Parecem-me, mal comparando, as nomenclaturas de ruas para uso dos adventicios... Nós não trazemos saudades do que vemos... Sentimos a Belleza, amamol-a, e guardamol-a nalma...

SCIPIÃO. — Em todo o mundo só encontrei homens, e peiores que os de cá... Se a ressurreição dos deuses fosse uma possibilidade eu viveria aqui a vida ideal, a vida magnifica... Estatuas... Muitas estatuas... Jardins innumeros como na Grecia... Viver assim seria para mim o goso supremo... E eu vivo apenas na illusão cariciante de tudo isso... Tenho um jardim, eu que desejaria ver a minha terra um amplo jardim floren-

te... Tenho algumas estatuas, e desejaria que os homens e as mulheres fossem estatuas impassiveis que cantassem ao rythmo da linha... Vivo na minha illussão de Belleza...

CLAUDIO. — (*para Helena que ao fundo palestra em voz baixa com o allemão*) Rapariga!... Chopp para esta mesa... Tres... Claros... (*para os amigos*) Scipião é um homem de attitudes, pelo que acabo de descobrir... Quando nos separámos, nenhum de nós tinha chegado a ter bem uma alma... Poderiamos chegar taverneiros aos 40 annos como chegámos poetas... Questão de circumstancias...

SERGIO. — Nem tanto... Eu por exemplo, sou o mesmo homem...

CLAUDIO. — Eu não digo que não sejamos os mesmos... Digo que nos modificamos... Que nos crystallisamos... Temos outra sensibilidade...

SCIPIÃO. — Sim... Mudámos muito...

(*Helena traz tres copos que espumejam. Os tres poetas, quasi a um tempo erguem-n'os e tocam-n'os.*)

OS TRES. — (*a um tempo*) Aos nossos vinte annos!... (bebem).

SCIPIÃO. — Mudámos muito... Estou certo de que nenhum de nós tem agora aquella mesma existencia tumultuaria e indecisa dos vinte annos... Nada nos ficou... Ou bem pouco... Talvez no intimo cada um de nós tenha uma lembrança vaga...

SERGIO. — Não tenho tendencias para propheta, e o futuro é um cavalheiro com quem não sympathiso... As pythonisas pintam-n'o sempre negro a toda a gente... Falemos do passado... Ha quasi vinte annos que não nos viamos... E' como si fosse hontem..., Falemos de hontem... Claudio, tu que ficaste na tua cidade de brumas, continuaste a mesma existencia antiga?... As tuas noivas de neblina, algum dia as encontraste?...

CLAUDIO. — Sempre com gracejos, meu amigo dos luares e das capas negras, das espadas e das escadas, da corda... Vocês não ignoram que só amei uma vez... Porque só uma vez é possivel amar na vida... Os outros amores são phantasmas do primeiro, como diz o Eugenio de Castro... Vocês não a conheceram. Era como uma santa de vitral... Transparente... Suavissima... Nunca lhe falei... Nunca lhe toquei as mãos de bruma...

SCIPIÃO. — Isso foi na época em que viviamos juntos aqui...

CLAUDIO. — Foi...

SCIPIÃO. — Descreve-nos a tua santa... Evoca o templo em que ella pontificava...

SERGIO. — Conta-nos a sua vida... Fala-nos da sua belleza...

CLAUDIO. — Eu a encontrei nnm jardim, numa tarde d'inverno, fria como esta de hoje, de céo côr de opala e violeta... Ella estava de branco e caminhava ao lado de um velho... Parecia de nevoa... Parecia a nevoa caminhando ao lado do inverno... Eu a amei assim... Todas as tardes quando o crepusculo morria, eu a contemplava... Ella ficava na janella ogival do seu palacete a olhar a tarde... Eu proximo, olhava-a até que a janella se fechava e ella desappareceia...

SERGIO. — E durou muito isso?...

CLAUDIO. — (*com magua e lentidão*) Dura sempre... Ella é hoje uma saudade... Foi durante muito tempo a minha esperança...

SCIPIÃO. — Ainda vive aqui?... Conheço-a?...

CLAUDIO. — Vocês não a conhecerão nunca... Não a poderão ver como eu vi...

SERGIO. - Ella ainda está aqui?...

CLAUDIO. — Um dia encontrei fechado o palacete... Nunca mais o vi abrir-se... Ella partiu e deixou-me a saudade...

SERGIO. — Todos nós tivemos a mocidade embaraçada a umas saias femininas... Todos nós... Ellas devem ser felizes quando sabem que deixam uma saudade... Se soubessem tambem que deixam odios... Tu acaricias uma saudade e tens medo que ella se extinga. Eu alimento um odio barbaro... A minha alma é a furna de um tigre famelico, sanguisedento... Uma mulher deu-me esse odio.

Conheci-a em logar mais animado que um jardim... Vi-a num baile. Falámos de cousas ternas, arrebatámo-nos voluptuosamente em valsas languidas, amámo-nos em seguida... Fiz-lhe todos os meus madrigaes...

SCIPIÃO. — E ella entendia madrigaes?...

SERGIO. — Não sei... Parecia entender... Pedia-m'os sempre... Amei-a com loucura... Passeiamos juntos em noites de luar... Ouvimos as queixas das aguas do Piabanha... Fomos á «cremerie Buisson» á noite, e olhamo-nos a um tempo na agua tranquilla do lago. Cantei-lhe madrigaes sob a janella... Uma loucura, meu caro... Uma paixão allucinadora... Ella tinha os olhos verdes... Era linda e voluptuosa... Senti desejos de mordel-a... de ver-lhe o sangue correr... e bebel-o... bebel-o... Pretendiamos fugir... Uma escada de corda seria posta em logar propicio, á noite, e iriamos gosar o nosso amor, sosinhos, muito longe... muito longe...

SCIPIÃO. — E porque não fizeram vocês tudo isso?...

SERGIO. — A maldita no dia aprazado não appareceu á janella... E no dia seguinte fez o mesmo... Ao cabo de uma semana, cançado de esperar, procurei saber, de uma familia conhecida, noticias della... «Não sabe?... Está noiva desde hontem... Vae casar com o dr. Carvalho, advogado em S. Paulo... Elle tem tres fazendas!... Um bom partido!...» disseram-me... Estava tudo feito... Ella ia casar com tres fazendas de S. Paulo... Eu quiz perdoar em nome das nossas juras antigas... Pensei em imposições da familia que não me conhecia...

CLAUDIO. — E a familia teve culpa?...

SERGIO. — Não sei nem tratei de saber... Fiquei com odio daquella mulher quando a encontrei na rua.. Quiz falar-lhe... Ella não quiz ver-me... Passou como si não me conhecesse... Um animal imbecil, meus amigos... Desde esse dia fiquei convencido de que a mulher tem apenas cabellos.. Nem sempre tem carnes que mereçam caricias... A alma da mulher é um vestido... Uma mulher mal vestida é como se não tivesse sensibilidade... Quando vejo uma mulher pasmo como um montão de trapos, uma cabeça de cera e um estomago voraz, podem caminhar!...

A mulher não passa de um montão de pannos, um estomago e uma cabeça de marionetta!...

CLAUDIO.— Que odio!...

SCIPIÃO.— Tu soubeste amar... Sabes odiar..

SERGIO.— O amor e o odio são dois extremos que se fazem caricias a todo instante... Custa pouco a que se peguem e o mais forte vença o mais fragil... E o odio é sempre o mais forte...

CLAUDIO.— Scipião, poeta de marmore, recorda a tua mocidade... Revela-nos o fim dos teus amores juvenis...

SCIPIÃO.— Eu amei uma estatua... Porque só vi na mulher que eu admirei algumas vezes mais do que ás outras, uma figura marmorea que se movia tangida por um sopro divino... Chamava-se Eulalia... (*silencio*).

(*Ouvindo esse nome os dois poetas trocam olhares de espanto*).

Encontrei-a em casa de um amigo... Nunca lhe falei de cousas importantes, intimas... Era admiravel... Amei-a muito... Amo-a ainda porque a Belleza não póde morrer... Eu amava nella a Belleza, a deusa de milhares de fórmas... Ella era uma fórma vivente da Belleza que eu encontrara para a caricia dos meus olhos fanaticos... As suas mãos eram perfeitas, o seu rosto, os seus seios, as suas ancas, lembravam uma estatua grega... Consegui que ella se deixasse photographar com uma tunica branca quasi collada ao corpo... Eulalia morreu alguns annos mais tarde, longe daqui...

CLAUDIO e SERGIO.— (*a um tempo*). E o retrato?...

SCIPIÃO.— (*tirando do bolso um objecto alongado envolto em papel finissimo*). Trago-o sempre commigo.. O meu sonho unico é trazer commigo sempre a recordação da Belleza... (*abre o envolucro e mostra a photographia aos amigos*).

(*Ha um silencio rapido. Helena approxima-se da mesa para tirar os copos vasios. Claudio e Sergio olham-se um instante com indizivel espanto. Helena vendo a attitude dos poetas, pára e olha com curiosidade*).

CLAUDIO.— (*vendo o retrato*). A minha amada!...

(*O freguez do fundo ergue os olhos para o grupo, e fita o, interessado, curioso*).

SCIPIÃO.— (*para Claudio*). Tua tambem?...

SERGIO.— (*levanta-se com a photographia nas mãos e olha-a demoradamente*). Bruma... Animal sem alma... Estatua... Extranho caso... Eulalia... Essa Eulalia foi a mesma mulher que todos nós amamos ..

(O panno desce lentamente).

ECHOS DO CARNAVAL — CLUB DE S. CHRISTOVÃO

Aspecto do salão do Club de S. Christovão no baile a fantasia realizado na segunda-feira de carnaval

Physionomia, usos e trajes dos chinezes

(Continuação do n. 16)

PARA obter consideração é preciso ser bojudo como uma pipa e poder com banhas encher uma larga cadeira de braços. Suppõem os chins que os talentos estão na razão directa da nutrição. E' isto uma prova de que exercem profissões manuaes para viver. Alguns particulares tem as unhas crescidas em uma extensão de seis pollegadas. Sob o dominio dos Mandchus, rapam a cabeça, conservando apenas no alto um tufo de cabellos, que deixam crescer e de que fazem uma longa cauda, a que chamam *peso-ssé*. O vestuario é de algodão, de seda azul ou preta; as botas são de seda preta ou de couro, muito largas e não excedem a barriga da perna, a palmilha densa é formada de papel grosso reforçado pela parte externa por uma sola.

O vestuario é em geral muito simples. Os Mandchus e os Chins de todas as condições, devem ter um trajo particular para cada estação. Os funccionarios usam de tres ao mesmo tempo, sem contar os trajes da côrte e o dos dias festivos.

Essa extravagancia leva os officiaes Mandchus a precisar fazer uma despeza consideravel, até mesmo aos homens mais distinctos obriga a recorrer aos que emprestam sob penhores. Empenham os vestuarios de que não carecem e resgatam os que haviam antes empenhado e que a estação torna necessarios.

Em razão da canicula trazem vestes muito largas; a principal é uma extensa opa de linho muito semelhante ao trajo russo.

Os officiaes fazem por seu turno uso dessa opa aberta por diante e por detraz. Por cima trazem outra de mangas largas, que se assemelha no feitio á do clero russo. Os vestuarios da gente pobre são de algodão ou de ganga; os dos ricos de seda em flores e por vezes de casemira.

As côres favoritas são azul, o rôxo e o preto. O verde e a côr de rosa, são em geral as usadas pelas mulheres.

A opa de inverno é em geral forrada de algodão em rama. Os abastados empregam para esta estação as pelles do esquillo, do carneiro, da raposa do norte e da marta zibellina,

As pessoas que trajam á moda trazem nas quadras do inverno a opa de pelle de gato preto, bordada de branco, que é estimada em subido preço. A pelle fica da parte de fóra para ser apreciada a sua belleza. Algumas vezes são mais compridas as opas de cima do que os nossos casacões, e como são muito leves e commodas, são trazidas para as montadas. Os cintos são de seda, mas de ordinario de tecidos menos custosos com uma luxuosa fivella no meio. A espada é levada á esquerda, assim como uma faca em uma bainha bem envernizada ou em uma concha de tartaruga. Sobre o lado direito pende uma bolsa de seda bordada, que contem uma caixa de tabaco e além disso no verão uma ventarola, de que os homens se servem tanto como as mulheres.

Para guardar a symetria—em todos os casos de maior importancia, trazem a esquerda um sacco igual, cheio de confeitos, que comem ao jantar como tempero.

Sobre esta opa uma outra muito ligeira de seda, ou de linho, e que corresponde á camisa.

Os chins differindo dos outros povos orientaes, lavam poucas vezes o corpo, achando mesmo nocivo o proprio banho do verão repetido.

Não se servem á mesa de guardanapos, nem possuem lenços de assuar. Um pedaço de papel prenche as suas vezes. São de seda e de ganga os seus calções. Quando ricos usam sapatos deste tecido, e ainda de setim preto cujas palmilhas tem a regidez das botas. Assim são sempre muito pouco commodas, por serem feitas de papel amassado, de uma pollegada de espessura.

As pessoas da autocracia trazem gorros ovaes de setim cor de cereja, com uma bordadura preta e uma franja vermelha. Varia a bordadura com o trajo, segundo a estação: podendo ser de velludo no verão e de pelle de carneiro no inverno.

Os chapéos e os gorros de verão são de fórma conica e feitos de bambu, com tanta perfeição entretecido, que, se tivessem um outro feitio, poderiam muito bem ser adoptados pelas damas européas.

Os gorros dos funccionarios publicos têm no alto um botão cuja côr designa a sua condição.

Os homens rapam a cabeça, entrelaçando um resto de cabello em fórma de rabicho que lhes cahe pelas costas. Uma trança bem comprida é havida por belleza. Os que são por nascença calvos, supprem muitas vezes essa falta com o cabello postiço.

E como teriamos um rosario de cousas a dizer sobre os filhos do Celeste Imperio, aqui fazemos ponto para não fatigar as leitoras.

HENRIQUETA.

Em Fortaleza

Manoel Palmella e Maria de Lourdes Palmella
irmãos do nosso representante em Fortaleza, sr. Osorio Palmella, por occasião de sua primeira communhão.

MODAS E MODOS

Em Paris continúa em ordem do dia a adaptação dos farda, mentos militares ás toilettes femininas.

Em numero anterior do «Jornal das Moças» referimo-nos aos chapéos que estavam sendo substituidos por gorros de feitios variados, mas imitando sempre os *kepis, bonets* e *gorros* dos soldados alliados.

A mania continúa, estendendo-se agora ás saias, blusas, palitots e capas.

Não é propriamente a Moda que tem influenciado neste sentido, mas sim o ardor patriotico de uma dezena de costureiras, secundadas por algumas elegantes mais em evidencia.

O caso, porém é que, está na Europa, generalisando-se essa novidade, mas, como estamos muito longe do theatro da guerra, é possivel que não chegue ella até nós.

Não obstante, daremos algumas ligeiras notas sobre essas «toilettes militares» agora em voga, para satisfazer a natural curiosidade da gentil leitora.

São muitos, com effeito, os vestidos, casacos e chapéos que se veem actualmente em Paris e Londres e em que domina o estylo militar, isto é: saias guarnecidas aos lados com estreitas bandas e galões para fingir a lista empregada nas calças, corpinhos guarnecidos com galões e brandebourges ou encimadas por outras sem mangas em tecido differente e completamente lisos, para imitar as divisas e mais distinctivos bem como a couraça usada pelos dragões e couraceiros, paletóts mais ou menos justos e vagos, guarnecidos com bandas de astrakam, simulado os dolmans dos officiaes de cavallaria e do estado maior, finalmente longos e amplos casacos com largos canhões e golas, bem como compridas e amplas capas, semelhantes, os primeiros, aos que usam os generaes russos e outros no campo de batalha ou para se agasalhar, as segundas, imitando as que adoptam os officiaes do estado maior no inverno.

SAIAS E BLUSAS

As saias agora são circulares, amplas e sem tunicas e devem ser curtas, deixando apparecer toda a botina ou sapato.

E' o que se poderia chamar saia bocca de sino. E' uma imitação dos saiotes dos soldados escosceses.

Não acredito que possa perdurar esta moda, sem um modificação qualquer que as torne mais commodas e convenientes ao talhe de cada pessoa.

As blusas já não são tão decotadas; o que está ficando muito em voga são as gollas á marinheira, isto talvez, seja ainda consequencia da guerra, como significativa homenagem aos destemidos marujos envolvidos no conflicto europeu.

Simples e elegante toilette para passeio

Toilettes vistosas, confeccionadas em tecidos leves, adequadas á estação: gabardine, taffetá, voile religioso, marquisette florida, etc.

BLUSAS E SAIAS

Graciosos vestidos para meninas

A ARVORE [1]

II

SUBLIME manifestação da natureza!

Ornamentação bellissima que, de Jehovah, antes de descerrar a cortina de sua officina, mereceu sua particular attenção!

Reune em si tudo que é magnificente na natureza, flores, folhas, galhos, dispostos de tal maneira que, ennebriam a todos que a contemplam.

Quando em conjunto formam aquella variedade exhuberante e luxuriante denominada «Floresta», que tanto abunda, no nosso sem rival Brazil!

E' do seu tronco que se extrahem, tintas, medicamentos, resinas, latex, etc.; quando seccas servem para combustivel; quando preciosas, para mobiliario, soalhos, portas, etc.; quando emprestavel, para a alimentação de suas congeneres.

Alimenta nos seus galhos varias plantas como: parasitas, flores, etc.; E' a ornamentação usada por todos os povos, como prova da fertilidade do solo.

Cultivada desde os remotos tempos ella serve para mil misteres sublimes.

Em seu seio encerra outra particularidade da natureza, pois, concorre para a alimentação e habitação dos passarinhos.

Muito variadas são suas modulações, desde aquella que exprime o jubilo até aquella que exprime saudade representada pelos cyprestes e chorões dos cemiterios.

Alegre e verdejante nas campinas, prados, montanhas; triste, melancholica nos recantos onde foi destinada a representar as recordações e reminiscencias do passado.

E' ainda no seu tronco, que gravado perdura durante seculos a passagem do ente indomavel denominado «Homem» que, para sustentar suas ostentações não vacilla em derrubal-as para com seu producto fabricar carros e carruagens de toda a especie.

Existe desde a mais tenra, até a mais consistente, da mais florida até a desprovida de flores e folhas.

Ella, como todos os sêres, tem: nascimento, vida, morte, soffre e padece das mesmas molestias e infecções, até os flagellos que, são alvos a natureza; abriga os guerreiros e protege as plantações; inspira os sonhadores e inebria os pintores.

Tão martyrisada tem sido, que o homem talvez arrependido já lhe dedica festas e trata da sua protecção.

Quando joven, apresenta-se formosa e bella; quando grande, magestosa e potente; já foi culto dos barbaros e, hoje representa a civilisação, quando cultivadas.

Como tudo na natureza, ella requer trato e carinho, corrigindo-lhe os vicios por meios peculiares a sua especie, para mais tarde vir a ser util.

Servia, serve e servirá para alimentação e adorno e dos seus fructos, ainda hoje milhares de selvagens alimentam-se.

Amam como o homem e progridem na razão directa do sólo.

Concebem e criam os seus filhos protegendo-os contra as intemperies.

Resistem ao calor mais intenso e tropical até ao frio mais glacial, havendo unicamente a perda das folhas.

Embalam em seus galhos mil especies de animaes, cria-os e fornece-lhe o necessario para a construcção de seus ninhos e habitações.

E' festejada por varios povos, talvez pelo arrependimento do mal que tanto lhe proporcionaram.

Clarinha

[1] Collaboração da intelligente menina Clara Alda de Castro.

A galante (Cicida) Maria Apparecida, filha do nosso amigo J. R. da Costa

CHROMO

Em casa a mulher, contente,
Abraça o filho querido,
Quando, de subito, sente
Morto cahir o marido.

Lá dentro é tudo silente,
A não ser longo gemido
Do fundo d'alma partido,
Da esposa que fica ausente!

E na sala, compungida,
Ella de dor abatida,
Dá de vez em quando um ai!

No quarto, Nené beijando
O morto, de quando em quando
Repete: — Acorda, papai!

OCTAVIANO FERREIRA.

A CESTA

TODAS as cousas neste mundo têm a sua philosophia; os mais modestos objectos que nos cercam têm a sua significação, e quando os interroga o pensamento, muitas vezes respondem com uma lição inesperada.

Um espirituoso escriptor descreveu outr'ora, não me recordo onde, a philosophia do dedal, dessa pequena e fragil armadura que consegue na verdade afastar da tenra cutis das senhoras algumas picadas, mas que não póde poupal-as todas á sua sensibilidade!

Desejára hoje dizer algumas simples palavras a respeito da cesta.

— De qual dellas? perguntar-me-ão immediatamente.

— De todas, se m'o consentirem, porque todas ligam-se uma á outra por laço invisivel e encerram a mesma lição moral. Direi quasi da cesta que é ella o resumo da vida humana.

E' uma cesta aquelle leve berço de vime que acolhe a criança na sua vinda ao mundo; é uma cesta, symbolo de doces alegrias, que o homem joven e amante offerece á sua noiva feliz e risonha; é muitas vezes numa fraca e triste cesta que o pobre errante e o cego recebem o obolo da caridade; e não é ainda ao redor de uma cesta que ambições ardentes jogam na Bolsa esses terriveis lances que fazem e desfazem as fortunas?

A cesta, como se vê, encerra tudo: a ventura, e as lagrimas, o velludo e o andrajo, a miseria e o bilhete do banco, a innocencia da criança e as paixões do homem! A cesta é a humanidade!

A primeira lição que a cesta dá ás meninas é a do trabalho.

E' entre os seus ramos entrelaçados que todas as noites ellas poem e todas as manhãs tiram os delicados instrumentos, ia quasi dizer a ferramenta, com as quaes a joven dos salões combate o aborrecimento e a das aguas-furtadas ganha o pão diario.

A ambas ensina a cesta o valor da occupação, proporcionando a uma as profundas doçuras da beneficencia, á outra o austero encanto do dever cumprido.

E nas horas em que o perigoso scismar, o desanimo, a indolencia, aconselham secretamente a ociosidade, lá está a cesta, guarda severa, que silenciosamente recorda a lei!

A cesta, demais, toma mil fórmas e surge a cada instante na vida da moça.

Quando a deixais um pouco de lado na sala, amavel leitora, não tornais a encontrar nos jardins, florida e embalsamada com a vossa mocidade? E no meio dos vossos brincos, não é ainda ella que vos occupa quando dirigis ás vossas companheiras essa maliciosa pergunta:

— O que se põe nella?

Põe-se, amavel leitora, novellos de linha em abundancia, e retalhos em profusão para entregar-se com applicação á confecção de trabalhos de toda sorte, de que o pobre tiritando precisa na estação invernosa?

Deixo na sombra a cesta onde se agitam os tentos do jogo — cesta inoffensiva na mesa do pai de familia, mas terrivel no verde tapete das casas de jogo clan-

ECHOS DO CARNAVAL — Baile infantil realisado pel'*A Noite* no theatro Recreio na segunda-feira de carnaval

ECHOS DO CARNAVAL — BAILE INFANTIL

Crianças que tomaram parte no baile infantil realisado pel'*A Noite* no theatro Recreio na segunda-feira de carnaval

destinas! A primeira não passa de cumplice innocente de um passatempo; a ultima é muitas vezes a sombria testemunha da ruina e da desgraça!

E a lição muda que ella dá não está conforme com a de sua irmã? Uma diz: «Fugi á paixão que desvaira!» a outra: «Evitai a ociosidade que corrompe!» e ambas: «E' ao trabalho que cumpre pedir pão, a fortuna, e fóra destes bens, a distracção do espirito e a paz do coração!»

Para a moça, porém, a primeira, a unica cesta, a que merece este nome por excellencia, é a cesta de noivado. Oh! esta entrevê-se mui cedo em sonhos, compõe-se conforme um ideal seductor, a imaginação enche-a de todos os deslumbramentos, e admira-se de antemão, com os olhos fechados, todas as suas fantasticas maravilhas!

Nem que a felicidade tivesse de estar em razão do brilho das joias; nem que o futuro tivesse por fiador o numero das peças de seda e de rendas!

A felicidade! mui raras vezes acompanha o que brilha! Os esplendores mais a afugentam do que a attrahem, e se quereis ter certeza de encontral-a, procurai-a, menos nas alturas scintillantes do que nas regiões mais humildes, onde a calma e a modestia lhe proporcionarão um retiro mais ao seu gosto!

Lembrai-vos que esse setim, essas melanias, todas essas magnificencias que encantam a vaidade e demasiadas vezes não adornam senão o orgulho, só tem, como a mocidade, uma duração ephemera, e passam, com o tempo, da cesta encantada das nupcias para outra cesta de vime, hedionda e desforme, a que chamam alcofa do trapeiro! Assim com esses jornaes cuja abrasadora polemica agita o mundo, e essas cartas de negocio ou de coração que excitam tantas anxiedades e solicitudes, cahem, depois de apaixonarem os homens, na cesta dos papeis velhos e das aparas! alli é que a seda e o jornal espiam cruelmente os seus delictos!

E quando está tudo acabado, quando a creatura esgotou a somma desigual das alegrias e dos pezares, e viveu o seu ultimo dia, que monumento, que signal della restam sobre a terra por onde passou?

Uma cesta de pobres flores inclinadas sobre uma sepultura e que perfumam a saudade!

L. LAVEDAN.

❀ DE TUDO UM POUCO

Agua de Melissa

Emprega-se nas affecções do estomago, na dóse de uma colherinha das de chá ou mesmo de uma colher das de sopa, que se toma simples, ou em agua e assucar, logo que acabem de jantar as pessoas cujas digestões forem difficeis.

Uma colherinha dagua de melissa em uma chicara de chá da India tomada á noite, ao deitar-se, é de muito bom effeito nos resfriados e insomnias.

Conservação dos ovos na agua e cal

Um especialista dá as seguintes indicações:

«Dispõe-se de um barril em cujo fundo colloca-se uma camada de ovos frescos, (de preferencia de gallinhas criadas sem gallo), e sobre esta camada de ovos, põe-se outra, e assim successivamente até encher o barril. Estando o barril cheio de ovos, deita-se por cima destes um liquido de agua e cal viva até tapar todos os intersticios, em proporção de uma libra de cal por 4 litros de agua, depois deixar que se opere bem a mistura por espaço de 24 horas. Sob a acção desta mistura, forma-se sobre os ovos uma camada de carbonato de cal, que tapa hermeticamente os poros da casca do ovo, obrigando-o assim a conservar-se relativamente fresco até 10 para 12 mezes; porém leva comsigo tanta cal, que o ovo conservado por este processo distingue-se pelo sabor denunciante de sua idade o que o faz depreciar nos mercados de consumo, e seu preço deve ser mais reduzido do que os ovos relativamente frescos. Os ovos assim conservados destinam-se para as confeitarias e outras industrias; porém podem ser tambem usados nos misteres culinarios.

Para se conhecer uma boa agua

Para sabermos si a agua é boa para consumo, basta deitar uma gotta de uma solução concentrada de permanganato de potassa em um copo da agua que queremos analysar.

Se tomar uma cor escura, não é boa; si se conservar clara, ou si, passadas duas horas, mostrar um tom levemente rosado, é signal de que a agua é boa para o uso domestico.

Agua de flôr de larangeira

E' um excellente anti-spasmodico. Emprega-se nas crises nervosas, nas más digestões, e nas syncopes.

Para as pessoas que padecem de colicas no estomago, occasionadas por gazes encarcerados, tomando uma colher desta agua em um copo d'agua com assucar acharão alivio a seus males.

Em caso de indigestão pode-se não só bebel-a em agua e assucar, como juntar-lhe algumas gottas de ether.

RECEITAS

Pudim de batatas doces — Meio kilo de massa de batatas doces, meio kilo de assucar, uma duzia de ovos, sendo seis com as claras, e 150 grammas de manteiga. Vai em fôrma ao forno brando.

◎

Tarecos—Uma duzia de ovos, um kilo de farinha de trigo, um kilo de assucar; batem-se primeiro os ovos com o assucar e depois junta-se a farinha e amassa-se bem. Bota-se em forminhas. Forno quente.

◎

Balas de queijo—Em 250 grammas de assucar em ponto de pasta botam-se 300 grammas de queijo ralado e mexe-se fazendo-se depois as balas.

◎

Balas de côco—Um copo de leite, um prato fundo de assucar ao ponto de bala, sete gemmas de ovos, junta-se tudo e vai ao fogo para cozinhar as gemmas, fazem-se as balas e passam-se em assucar crystalisado.

◎

Chocolate — (Caracteres do bom chocolate.)—O bom chocolate distingue-se pelos seguintes caracteristicos:

Deve ser unctuoso; deve ter cheiro de cacau; deve apresentar lascado lizo, um pouco amarellado e de um aspecto crystallino;

Cozido com agua ou leite, deve tornar-se pouco espesso e não tomar uma grande consistencia.

Deve ser rejeitado o chocolate que apresente um lascado irregular, que tenha um aspecto granuloso, que seja poroso e esbranquiçado, e que, ao ferver, exhale um cheiro acre.

«Em Buenos-Ayres, o dono de uma carpintaria franceza atribuia a um dos seus empregados parte das dificuldades que vinham a cada instante paralyzar-lhe os negocios. Os motivos que dava para esta supozição era que sua má sorte começára logo após a entrada do tal empregado nas suas oficinas; que elle tinha um mau olhar; nunca estava contente com coiza alguma; que várias vezes o ouvira balbuciar palavras incomprehensiveis; e, emfim, que tinha o habito de sair por ultimo da oficina, onde, sob qualquer pretexto, ficava sózinho tantas vezes quantas lhe era possivel. O patrão não ouzava despedil-o, temendo excitar ainda mais sua vingança, irritando-o. Esse mau estado durava varios mezes, quando o patrão vindo ter comigo, por saber que me empregava a estudos occultistas, propuz fornecer-lhe um poderozo *Accumulador Mental.* Depois de lhe ter dado o tempo necessario para a consagração do Accumulador, convencionou-se que na sexta-feira seguinte começaria a prova, não devendo nesse dia achar-se na prezença do seu empregado antes de estar protegido pelo Accumulador. Notei que sua vontade estava reanimada e que se podia contar com successo. De facto, apresentou-se na oficina e, sem parecer prestar atenção mais a um que a outro, foi colocar-se defronte d'aquelle de quem suspeitava. Auxiliado pela prática que eu recomendara e, tendo fé forte no Accumulador olhou firme para o empregado, como querendo defender se da sua influencia nefasta. O choque foi terrivel; o empregado começou a tontear, a resmungar, e depois, chorando copiosamente, caiu de joelhos e pediu perdão a seu chefe, a quem a fé no Accumulador tornára forte e generozo, a ponto de deixal-o ir embora sem nada dizer. No dia seguinte esse homem não appareceu na oficina, o que lastimei, pois dezejaria saber quem lhe ensinára táes praticas de magia negra. Pouco a pouco os negocios do dono da oficina retomaram seu curso normal, e nunca mais ouvi falar do ex-empregado.» — (*Carta do Dr. Girgois, de Buenos-Ayres, a um dos mestres do Occultismo*).

«Eu faltaria a um dever se não vos exprimisse todo o meu reconhecimento e não rendesse homenagem á eficacia dos vossos *Accumuladores Mentaes.* Foi suficiente seu emprêgo durante dois mezes para desembaraçar-me de muitas dificuldades. — *José Peixoto da Silva, Rua da Gloria 40, Rio de Janeiro.*»

«Tenho colhido excelentes resultados com os Accumuladores. Consegui fazer exactas adivinhações e ver através de corpos opacos. Minha vista e minha memoria têm tambem melhorado. — *Manoel Paiva de Carvalho, Avenida Independencia 131, Belém do Pará.*»

«Obtenho grande successo em curar e adivinhar. O *Tratado dos Poderes Irrezistiveis* é exactamente como o reprezenta. A quantia que gastei com os livros e os Accumuladores é insignificante em comparação do que já me fizeram ganhar. — *João Ferreira de Sant'Anna, Praça Castro Alves, Bahia.*»

«Com os ensinos do seu livro e os Accumuladores consigo hypnotizar facilmente. Tenho tambem obtido vantajoso rezultado na cura de certas doenças mentaes, maleficios e possessões,—e sinto que exerço sobre meus clientes uma grande influencia.—*Dr. Nicola Pasqualino, Rua São Bento 59, São Paulo.*»

«Sei de uma senhora que se curou de kleptomania sómente com o uzo dos Accumuladores. Sei de outros cazos em que certos vicios e maus hábitos foram corrigidos facilmente. Uma rapariga disse-me que acreditava que seu noivo voltára do Brazil, para onde tinha seguido ha mais de um anno, porque preparára com esta intenção os *Accumuladores Mentaes.* Fui tambem informado de que, pela acção dos Accumuladores, certos noivos puderam remover dificuldades ao seu cazamento. Quanto aos que possuo, já me serviram para recuperar objectos que me tinham roubado. — *Manoel Pereira Ramalho, Rua Santa Catharina 165, Porto.*»

«Tive a prova real do valor dos vossos Accumuladores, e apresso-me a communicar-vos este maravilhozo efeito a bem de tantos que sofrem já sem esperança de melhores dias.—*Padre José Alvaro de Jesus Maria, Rua Aprazivel 11, Santa Thereza, Rio de Janeiro.* Firma reconhecida pelo Tabellião Dario.» (Ha centenas de outros atestados, todos favoraveis).

Os Accumuladores fazem mexer a agulha d'uma bussola á distancia e têm influencia radium-psychica sobre os elementos do pensamento, de maneira a constituir no ambiente um torpedo espiritual que realizará a vontade concentrada nos Accumuladores. Opéram em virtude da lei de reversibilidade segundo a qual o fonografo reproduz a voz. *Se a electricidade mecanica produz um iman, um iman em movimento produz a electricidade; se as idéas tendem a transformar-se em actos ou fórmas, estas em dadas condições produzem as idéas, e como taes sugestionam.* Sabe-se, alem d'isto, que o radium tem iufluencia transformadora, a ponto de fazer com que o espatho incolor se torne amarelo como o topazio,—o espatho azul, verde como a esmeralda,—e o espatho violeta, azul como a saphira; por outra, o sabio professor Sr. Bordas provou que, devido a esta influencia, pedras sem valor podem ser adquiridas nas joalherias por mais de cincoenta francos o quilate, porque tornam-se absolutamente iguaes ás pedras preciozas naturaes.

O ACCUMULADOR N. 5 é especial para neutralizar os males da inveja e produzir amor ou amizade. O de N. 6 convém para fazer facilmente ganhar dinheiro em qualquer negocio ou profissão. Quando estes dois Accumuladores estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, suas virtudes são então extraordinarias, visto que dão inteiro «poder magnetico» e servem para quaesquer outros fins. Os pedidos pelo correio devem ser com o dinheiro em vale postal ou carta de valor registrado, dirigida a LAWRENCE & C., RUA DA ASSEMBLÉA 45—RIO DE JANEIRO.

LIVROS GRATIS sobre magnetismo, hypnotismo e occultismo como propaganda sob a fórma de MAGAZINE DO DINHEIRO são enviados, mediante um sêlo do correio, a qualquer pessoa que os pedir.

A UNIVERSAL

Sociedade Anonyma de Peculios por Mutualidade

Capital: 100:000$000

Séde Social - Rua Visconde de Inhaúma, 80

RIO DE JANEIRO

Relação dos premios do 11· sorteio effectuado em 18 de Fevereiro de 1915 — Relativo ao mez de janeiro —

Série de 10:000$000

1· premio, de 2:000$000—Inscripção n. 2.857—Socias Carolina Maria de Jesus e d. Maria Fernandes—Residentes em Valença, Estado do Rio.

2· premio, de 1:000$00 — Inscripção n. 4.244—Socios Azarias Torres de Carvalho e d. Anna Candida de Carvalho — Residentes em Ribeirão Vermelho, Minas.

3· premio, de 500$000 — Inscripção n. 3.859—Socios Joaquim Vieira Machado Junior e d. Adelaide Augusta Franco—Residentes na Estação de Simplicio, Minas.

4· premio, de 500$000 — Inscripção n. 939 — Socios Cezar Augusto de Siqueira e d. Corina Augusta de Oliveira — Residentes em Santa Barbara do Tugurio, Minas.

5· premio, de 250$000- Inscripção n. 9 — Socio Antonio Marques de Souza—Residente em Barbacena, Minas.

6· premio, de 250$000—Inscripção n. 334—Socios Antonio Fernandes da Fonseca e d. Jacintha Maria da Fonseca — Residentes em Angustura, Minas.

7· premio, de 200$000—Inscripção n. 1.267—Socio Americo Joaquim Velloso—Residente em Livramento de Barbacena, Minas.

8· premio, de 100$000—Inscripção n. 3.638—Socios Pedro Virginio dos Reis e d. Percilia Augusta de Oliveira—Residentes em Villa Nepomuceno, Minas.

9· premio, de 100$000—Inscripção n. 4.113—Socia Geraldina Cardoso—Residente em Bocaina, S. Paulo.

10· premio, de 100$000—Inscripção n. 2.921—Socios Theotonio José Rufino e d. Francisca Maria Baptista — Residentes em Pedra de Guaratiba, Districto Federal.

Relação dos premios do 12· sorteio effectuado em 18 de Fevereiro de 1915 — Relativo ao corrente mez —

Série de 10:000$000

1· premio, de 2:000$000—Inscripção n. 71 — Socios Dilermando Martins da Costa Cruz e Maria Antonietta Lobato Cruz — Residentes em Juiz de Fóra, Minas.

2· premio, de 1:000$000—Inscripção n. 1.828—Socios Domingos José Pereira e Raymunda Maria de Jesus — Residentes em Bom Jesus do Amparo, Minas.

3· premio, de 500$000—Inscripção n. 499 — Socios Americo de Souza Monteiro e Celeste Mourão Monteiro—Residentes em Bom Successo, Minas.

4· premio, de 500$000—Inscripção n. 952—Socios Pompilio de Toledo e Almerinda de Carvalho Toledo—Residentes em S. Gonçalo de Sapucahy, Minas.

5· premio, de 250$000—Inscripção n. 205 — Socios Agenor Gomes de Souza e Maria das Dores Natividade—Residentes em Villa Rezende Costa, Minas.

6· premio de 250$000—Inscripção n. 166 — Socios Vicente Lacourt e Gabriella Lacourt Wagner—Residentes em Barbacena, Minas.

7· premio, de 200$000 — Inscripção n. 226 — Socios Eloy Elysio Este e Maria Vieira Este—Residentes em S. João d'El-Rey, Minas.

8· premio, de 100$000—Inscripção n. 4.989 — Socios João Vieira de Vasconcellos e Perciliana do Prado Vieira—Residentes em Muzambinho, Minas.

9· premio, de 100$000—Inscripção n. 3.854 — Socios José Victor Amancio e Virginia Maria de Jesus—Residentes em S. José da Pedra Bonita, Minas.

10· premio, de 100$000 — Inscripção n. 1.003—Socios Miguel Hippert e Catharina Strompt Hippert—Residentes em Parahyba do Sul, E. do Rio.

Relação dos premios do 9· sorteio effectuado em 18 de Fevereiro de 1915 — Relativo ao mez de Janeiro —

Série de 20:000$000

1· premio, de 4:000$000—Inscripção n. 218 — Socios Domingos Maria Galhardo e Cecilia Araujo Galhardo—Residentes em Porto Novo do Cunha, Minas.

2· premio, de 2:000$000—Inscripção n. 3.916—Socio João Jeronymo Souto—Residente em Jacuhy, Minas.

3· premio, de 1:000$000—Inscripção n. 1.367—Socios José Francisco Ramor e Maria da Conceição de Jesus — Residentes em Santa Rita do Rio Abaixo, Minas.

4· premio, de 1:000$000—Inscripção n. 2.813—Socios Seraphim Luiz de Souza e Carolina Teixeira de Souza—Residentes em Arrozal do Pirahy, Estado do Rio.

5· premio, de 500$000—Inscripção n. 2.188 — Socio Padre Manoel Maria da Silva—Residente em Caratinga, Minas.

6· premio, de 500$000—Inscripção n. 2.855—Socios Francisco de Deus Vieira e d. Leopolda Teixeira da Cunha — Residentes em Carmo do Paranahyba, Minas.

7· premio, de 400$000—Inscripção n. 3.615—Socios Antenor Pereira dos Santos e Carolina Teixeira dos Santos — Residentes em Pirapetinga, Minas.

8· premio, de 200$000 — Inscripção n. 4.741—Socios Joaquim Pereira da Silva e Joanna Maria da Silva—Residentes em Theophilo Ottoni, Minas.

9· premio, de 200$000—Inscripção n. 3.107—Socios Flausino Pires de Camargo e Maria Joaquina de Jesus—Residentes em Lagôa Formosa, Minas.

10· premio, de 200$000 — Inscripção n. 104 — Socio José Pedro de Andrade Reis — Residente em Juiz de Fóra, Minas.

Relação dos premios do 10· sorteio effectuado em 18 de Fevereiro de 1915 — Relativo ao mez de Fevereiro —

Série de 20:000$000

1· premio, de 4:000$000— Inscripção n. 2.163 — Socio padre João Baptista Reis — Residente em Lage do Muriahé. E. do Rio.

2· premio, de 2:000$000—Inscripção n. 262— Socios dr. Pedro Ignacio de Almeida e Maria Fortes de Almeida—Residentes em Palmyra, Minas.

3· premio, de 1:000$000—Inscripção n. 274—Socios Xenophontes Renault e Alba Caldas Renault—Residentes em Barbacena, Minas.

4· premio, de 1:000$000—Inscripção n. 1045—Socios Julio Cesar Monteiro de Barros e Maria Custodia Miranda Monteiro de Barros—Residentes em Porto Novo, Minas.

5· premio, de 500$000—Inscripção n. 3.433—Socios Bachu Antonio Felue e Marianna Jorge—Residentes em Providencia, Minas.

6· premio, de 500$000—Inscripção n. 1.218—Socios João Evangelista Salviano e Constancia da Matta — Residentes em Candeias, Minas.

7 premio, de 400$000— Inscripção n. 4.263—Socios Francisco Ferreira da Silva e Merciria Couto da Silva—Residentes em Gragahú, E. do Rio.

8· premio, de 200$000—Inscripção n. 1.061—Socios Victal Moreira Campos e Malvina Moreira do Nascimento—Residentes em Ilhéos, Minas.

9· premio, de 200$000—Inscripção n. 2.812—Socios Benedicto Rodrigues de Souza e Venina Landy de Souza—Residentes em Arrozal do Pirahy, E. do Rio.

10· premio, de 200$000—Inscripção n. 1.372—Socios Jorge Paulo e Malch Paulo—Residentes em Carmo do Rio Claro, Minas.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 3 A 14